

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

GUILHERME LOEBLEIN FLORES

**A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPEÃO: GABRIEL MEDINA NAS
PÁGINAS DA REVISTA HARDCORE**

Orientador

Prof. Dr. Juan Domingues

Porto Alegre

2020

GUILHERME LOEBLEIN FLORES

A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPEÃO: GABRIEL MEDINA NAS

PÁGINAS DA REVISTA HARDCORE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Juan Domingues

Porto Alegre

2020

GUILHERME LOEBLEIN FLORES

A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPEÃO: GABRIEL MEDINA NAS

PÁGINAS DA REVISTA HARCORE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de
Comunicação, Artes e Design da
Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Juan
Domingues

Aprovado em : _____ de _____ de _____,

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Juan Domingues

Membro da banca examinadora

Membro da banca examinadora

Porto Alegre

2020

Dedico este trabalho aos meus pais, Wily e Vania, e aos meus avós, Mario, Maria Luiza e Sibila, que me apoiaram e incentivaram desde o início da minha jornada acadêmica. Obrigado por sempre acreditarem em mim. Eu amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Wily e Vania, que nunca deixaram de me apoiar ou faltar suporte, seja na vida acadêmica ou no dia a dia. O apoio e a união de vocês me fortaleceu e me ajudou na conclusão desta etapa. Aos meus avós paternos, Mario e Maria Luiza, por sempre me incentivarem e se interessarem por todos os assuntos que aprendi.

À minha avó materna, Sibila (*in memoriam*), que sempre se interessou em perguntar como estavam os estudos durante o começo da faculdade e que sei que acompanha tudo de perto, onde quer que esteja. E, claro, à Teresa, uma das mães que tive e que sempre me recebeu com boa vontade e interesse na chegada das aulas do turno da manhã.

Agradeço ao meu orientador, Juan, que colaborou comigo nos últimos meses e me instruiu na conclusão deste trabalho. Agradeço também à professora Glafira pela paciência, pelas conversas e pelas sugestões que foram valiosas para que eu pudesse concluir esta etapa.

“Transportai um punhado de terra todos os dias e fareis uma montanha”.

(Confúcio)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como propósito estudar a construção da imagem Gabriel Medina, primeiro brasileiro bicampeão mundial de surfe. A pesquisa exploratória, juntamente com a pesquisa bibliográfica e documental, busca apresentar a relação com o jornalismo a partir de edições da Revista Hardcore, uma das principais revistas especializadas em surfe do Brasil, entre os anos de 2011 e 2018, período em que o atleta deixou de ser uma promessa para ser uma referência mundial do esporte. A pesquisa relaciona as áreas de jornalismo e relações públicas ao abordar os conceitos de imagem, identidade, reputação e opinião pública juntamente com o jornalismo esportivo. Argenti (2014), Campbell (1995), Coelho (2003), Fortes (2011), Helal (1999) e Neves (1998) foram alguns dos autores que auxiliaram esta monografia. Com a análise, foi possível perceber o aumento do espaço concedido ao surfista nas páginas da revista Hardcore, assim como a evolução dos termos utilizados para se referir ao atleta ao longo do tempo. Além disso, através da jornada do herói proposta por Campbell (1995), foi possível acompanhar a construção da imagem de herói popular do esporte criada em torno de Medina.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Imagem. Reputação. Surfe. Gabriel Medina.

ABSTRACT

The present study is intended to study the construction of the image of Gabriel Medina, the first Brazilian two-time world surfing champion. The exploratory research, combined with a bibliographic and documentary research, seeks to present the relation with journalism from editions with Hardcore magazine, the most important specialized surf magazine from Brazil, between the years 2011 and 2018, a period in which the athlete became one of the greatest surfers in the world. The research relates the areas of journalism and public relations when addressing the concepts of image, identity, reputation and public opinion common with sports journalism. Argenti (2014), Campbell (1995), Coelho (2003), Fortes (2011), Helal (1999) e Neves (1998) were some of the authors who helped this monograph. With the analysis, it was possible to perceive the increase in the space granted to the surfer on the pages of Hardcore magazine, as well as the evolution of the terms used to refer to the athlete over time. In addition, through the hero's journey proposed by Campbell (1995), it was possible to monitor the construction of the image of the popular hero of the sport created around Medina..

Palavras-chave: Sports Journalism. Image. Reputation. Surf. Gabriel Medina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira capa de Gabriel Medina na revista Hardcore	61
Figura 2 – Anúncio do patrocinador na revista Hardcore	62
Figura 3 - Imagem dupla na revista Hardcore	62
Figura 4 – Segunda capa de Gabriel Medina na revista Hardcore	63
Figura 5 – Entrevista na revista Hardcore	64
Figura 6 – Menção em matéria na revista Hardcore	65
Figura 7 – Terceira capa de Gabriel Medina na revista Hardcore	67
Figura 8 – Editorial da edição 267 da revista Hardcore	68
Figura 9 – Valha-me São Chico parte 1	69
Figura 10 - Valha-me São Chico parte 2	69
Figura 11 – Sexta capa de Gabriel Medina na revista Hardcore	71
Figura 12 – O treinamento de Gabriel Medina	72
Figura 13 – Nona capa de Gabriel Medina na revista Hardcore	74
Figura 14 - Pipe Masters	75
Figura 15 – Pipe Masters parte 1	76
Figura 16 – Pipe Masters parte 2	77
Figura 17 - Pipe Masters parte 3	78
Figura 18 - Pipe Masters parte 4	79
Figura 19 – Pipe Masters parte 5	80
Figura 20 – Pipe Masters parte 6	81
Figura 21 – 12ª capa de Gabriel Medina na revista Hardcore	82
Figura 22 – A nova ordem	83

LISTA DE SIGLAS

WSL – World Surf League

WT – World Tour

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ANÁLISE HISTÓRICA DO “HERÓI” NA MÍDIA.....	15
2.1 IDENTIDADE, IMAGEM E REPUTAÇÃO	15
2.2 OPINIÃO PÚBLICA	20
2.3 UMA BREVE HISTÓRIA DO “HERÓI” NA MÍDIA	25
2.4 A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO	32
3 O JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO	35
3.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO - CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DO ESPORTIVO	35
3.2 COBERTURA DO SURFE NO BRASIL	39
3.3 JORNALISMO DE REVISTA	43
4 GABRIEL MEDINA: DE PROMESSA À CAMPEÃO MUNDIAL	47
4.1 METODOLOGIA E PROPOSTA DE ANÁLISE	47
4.2 A REVISTA HARDCORE	50
4.3 MEDINA E A EVOLUÇÃO DA COBERTURA DO SURFE NO BRASIL	51
4.4 A IMAGEM DO ATLETA NOS DIFERENTES MOMENTOS DA CARREIRA	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, Gabriel Medina é o principal nome do surfe brasileiro. Entretanto, nem sempre foi assim. Somente em 2009 é que o atleta despontou como uma promessa e começou a ganhar mais destaque na mídia. Em dezembro de 2014, aos 20 anos, Medina entrou para a história como o primeiro surfista brasileiro a conquistar o título mundial do esporte, sagrando-se campeão do World Championship Tour (WCT). A vitória no circuito anual de surfe da World Surf League (WSL) atraiu os olhares do mundo para o Brasil, fazendo com que o público, pela primeira vez, relacionasse um atleta de elite do surfe com o Brasil. Deste então, o caminho foi aberto para diversos outros atletas que, através da cobertura do esporte, ganharam mais visibilidade e, conseqüentemente, mais oportunidades. Hoje, o Brasil possui 11 atletas competindo no torneio de elite do surfe mundial. E em 2018, Medina se consolidou como um dos nomes mais fortes do surfe mundial ao se sagrar bicampeão do WCT.

Através de uma análise da construção da imagem do surfista Gabriel Medina na mídia ao longo do tempo, será possível relacionar o papel de um veículo de comunicação para a construção do “herói” popular, assim como analisar se as informações veiculadas sobre um atleta possuem o poder de influenciar a opinião pública e, de certa maneira, criar uma realidade projetada. Ao escolher o que noticiar sobre alguém ou a maneira que se noticia, é possível ditar os rumos da carreira desta pessoa, por exemplo, e, assim, expandir a área de análise, como no caso do presente estudo, em que a ascensão de um atleta pode ter contribuído para a expansão da cobertura esportiva com ênfase no surfe no Brasil.

Deste modo, serão analisadas as matérias que contribuíram para a construção da imagem do surfista Gabriel Medina em seis exemplares da revista Hardcore entre os anos de 2011, quando foi sua primeira aparição em uma capa desta revista, até a edição de setembro/outubro de 2018, quando competia pelo seu segundo título mundial e já era um dos favoritos, consolidando seu nome na elite do surfe mundial e o do Brasil como um país referência na formação de surfistas de elite.

A relevância deste estudo para o jornalismo se dá pela ascensão do surfe no país nos últimos anos, tornando-se um dos esportes em que atletas brasileiros têm melhor desempenho, e por ainda carecer de estudos científicos mais aprofundados sobre o tema. Afora o estudo de jornalismo esportivo, também será a oportunidade de conhecer mais profundamente o modo como um veículo de mídia especializado no surfe, a Revista Hardcore, constrói suas narrativas e trata seus personagens.

As metodologias escolhidas são as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, com publicações da Revista Hardcore, livros, teses e artigos científicos. Ambas serão abordadas a partir das obras de Gil (2017), Marconi e Lakatos (2011) e Stumpf (2011). Também será utilizada a análise de conteúdo, que incide sobre a construção da mensagem e os termos utilizados nos textos que se referem ao surfista, apoiada nos conceitos contidos nas obras de Bardin (2016) e Fonseca Júnior (2011).

A monografia está dividida em cinco capítulos, nos quais já estão inclusas a Introdução e a Conclusão. No segundo, 'Análise histórica do "herói" na mídia', será abordada a construção da imagem e da reputação em torno de uma pessoa, usando obras de Argenti (2004), Neves (1998) e Rosa (2006). Para explicar o heroísmo em torno do atleta, são utilizados os autores Campbell(1995), Giglio (2007), Helal (1998), Mussa (2010). No subcapítulo sobre opinião pública, o tema será abordado a partir das obras de Figueiredo e Cervellini (1995) e Novelli (2007). Por fim, a sociedade do espetáculo será conceituada a partir de Debord (1997).

No terceiro capítulo, 'O Jornalismo Esportivo Brasileiro', serão abordadas a história do jornalismo esportivo no Brasil, assim como da cobertura de surfe no país e da Revista Hardcore. As obras de Barbeiro e Rangel (2015), Coelho (2003), Fortes (2011) e Morgan (2008) apoiarão o resgate histórico do jornalismo esportivo e da cobertura do surfe no Brasil.

O capítulo 4, 'Gabriel Medina: de promessa à campeão mundial', abordará as metodologias utilizadas, as pesquisas bibliográfica e documental, de acordo com o proposto nas obras de Fonseca Júnior (2011), Gil (2017), Stumpf (2011) e Marconi e Lakatos (2017), assim como a análise de conteúdo feita a partir de Bardin (2016). Para apresentar a história do atleta em seus diferentes momentos da carreira, será usada a obra de Brandão (2015).

Assim, ao final do presente trabalho se intentará atribuir uma relação de dependência entre o que é escolhido ser veiculado pela mídia sobre a carreira do atleta Gabriel Medina através da expansão da cobertura jornalística esportiva do surfe no Brasil, bem como o crescimento de oportunidades que esta expansão gera para futuros atletas. Assim, se demonstrará como a mídia é capaz de influenciar a carreira de alguém, assim como as conquistas profissionais do atleta podem ditar os rumos do jornalismo.

2 ANÁLISE HISTÓRICA DO “HERÓI” NA MÍDIA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a construção da imagem de Gabriel Medina ao longo de sua carreira, desde que era uma promessa até o seu bicampeonato mundial, e a espetacularização em torno do esporte. O objeto de estudo escolhido são seis edições da Revista Hardcore, edições estas em que o atleta foi capa entre os anos de 2011 e 2018. No capítulo dois, serão conceituados os termos identidade, imagem e reputação, definições que podem ser usadas para tratar tanto de organizações quanto de pessoas públicas. Os autores Argenti (2014), Neves (1998) e Rosa (2006) abordarão os temas. Para colocar em pauta a criação da imagem do herói em torno do surfista, serão utilizados autores como Campbell (1995), Helal (1998) e Luduvig (2002). A partir de obras de Da Viá (1983), Farias (2019), Figueiredo e Cervellini (1995) e Novelli (2007), será contemplada a opinião pública, para compreender como a visão dos leitores sobre um assunto pode ser construída.

2.1 IDENTIDADE, IMAGEM E REPUTAÇÃO

Identidade, imagem e reputação são fatores que, interligados, definem o modo como uma pessoa ou uma empresa são vistas. Para Argenti (2006, p. 81) enquanto a imagem pode variar para diferentes públicos, a identidade precisa ser consistente. Ainda segundo o autor, a imagem é o reflexo da identidade de uma organização e a construção da identidade é a única parte da reputação que pode ser completamente controlada por uma empresa (2006, p.84). Neves (1998, p.63) explica que pessoas, produtos, programas, organizações, entre outros, têm imagem.

Neves (1998, p.63) lembra que a palavra imagem vem do latim *imagine*, que tem como um de seus significados “aquilo que evoca uma determinada coisa, por ter ela semelhança ou relação simbólica”. Ainda assim, a imagem não é necessariamente a realidade e, em muitos casos, uma coisa e outra não tem nada a ver, pontua o autor. Imagem é como percebemos as coisas e a imagem de uma pessoa é como ela é percebida pelos outros, destaca. O autor escreve que:

Imagem de uma entidade (empresa, pessoa, projeto, país, cidade, associação, grupo, produto, etc) é o resultado do balanço entre as percepções positivas e negativas que esta organização passa para um determinado público. Diz-se que a imagem é boa, ou muito boa, quando o saldo é positivo, ou muito positivo (NEVES, 1998, p.64).

O saldo positivo da imagem segue sendo abordado por Neves (1998, p. 85) ao falar sobre credibilidade. Para ele, este é o maior patrimônio que uma organização ou pessoa pode ter, levando anos para que seja construída e um simples acontecimento para seja perdida. O autor destaca que a imagem é frágil e está sempre exposta a diferentes fatores que podem abalá-la. Ao falar sobre isso, ele pontua que leva-se muito mais tempo para a reconstrução de uma imagem abalada, já que, antes de tudo, é necessário zerar o prejuízo. Neves segue seu raciocínio ao dizer que a credibilidade é construída a partir de exemplos e atitudes executadas de maneira coerente, sem que seja agredido o conceito que o público da organização ou de uma pessoa tem em relação a ela. Ele completa: “nada que produza a chamada dissonância cognitiva, isto é, o rompimento dos padrões cristalizados”.

Para Argenti (2006, p.60), a imagem é “a empresa vista pelos olhos do seu público”. Ainda assim, “uma organização pode ter diferentes imagens junto a diferentes públicos”. Por mais que o autor aborde a relação empresarial, tais trechos também podem ser usados para gerar uma abordagem do assunto em relação à pessoas públicas e famosos, como artistas ou esportistas. A exposição dada a eles em veículos de mídia ou nas redes sociais os deixa sempre a mercê da opinião pública, positiva ou negativamente.

Ao falar sobre percepção (ARGENTI, 2006, p. 96), o autor comenta que todas as mensagens enviadas por uma organização fazem com que seus diferentes públicos formem seus conceitos de imagem. Estas mensagens podem ser desde nomes a logomarcas até expressões de visões corporativas. Sendo assim, muitas pessoas já têm uma percepção sobre uma empresa antes mesmo de começar a interagir com ela. Tal fato acontece devido ao que o público lê, ouve ou recebe de outras formas em relação à organização. Entretanto, “depois de interagir com uma organização, os públicos podem ter uma imagem diferenciada do que tinham antes. Se isso acontecer, o objetivo é que a imagem seja melhor, e não pior”.

A boa imagem, entretanto, pode ser mensurada em alguns fatores. Neves (1998, p.85) destaca que a autenticidade é fator primordial para uma imagem positiva frente ao público. Por mais que não seja das mais elogiosas, ninguém deve

mudar a imagem que tem e o que é para atrair o interesse de outros. “A postura ‘estudada’ é logo descoberta e não levada a sério” (NEVES, 1998, p.85). As boas maneiras, aparições elegantes e pontuais, estar em contato com outras pessoas e ter alguém que lhe diga sempre a verdade, mesmo quando se está no topo, são outros itens apontados pelo autor para a construção de uma boa imagem. (NEVES, 1998, p.86)

Segundo Argenti (2006, p.81), “a imagem é o reflexo da identidade de uma organização”. Se a primeira é o modo como os diferentes públicos de uma empresa a enxergam, podendo haver variações, o mesmo não pode acontecer no caso da segunda. Para o autor, a identidade precisa ser consistente. Isso porque, acima de visões positivas ou negativas, o público deve entender claramente o que é a identidade por trás da organização.

Diferentemente de sua imagem, entretanto, a identidade de uma organização não varia de um público a outro. A identidade consiste nos atributos que definem a empresa, como seu pessoal, produtos e serviços. Uma organização tem algum tipo de identidade, queira ou não, em parte com base nos componentes visuais que apresenta ao mundo (ARGENTI, 2006, p.60).

Kunsch (2009, p.217) destaca que a identidade de uma organização é única, por se tratar unicamente dela, mas que não pode ser vista como ‘algo homogêneo’. Isso ocorre devido ao fato de que ela é “vista, vivida e praticada por indivíduos com percepções, visões e perspectivas distintas, que vão construindo seus significados e (res)significando-os em um ambiente cultural exposto às influências socioeconômicas e políticas”.

Bueno (2009, p.188) aponta que a identidade corporativa, de um modo simples, pode ser entendida como a “personalidade” de uma organização e está “umbilicalmente associada à sua cultura e ao seu processo global de gestão (filosofia gerencial, competência técnica ou de inovação etc.)”. Entre os fatores que a compõem, estão seus produtos ou serviços, relacionamento com os interessados nela - fornecedores, acionistas, clientes, funcionários, imprensa, etc - e seu sistema de comunicação (canais de relacionamento como SAC’s, call centers e sites). A

soma de todos esses fatores é o que traz autenticidade à uma organização. O autor ainda faz a ressalva de que:

Muitos profissionais e agências de comunicação costumam reduzir a identidade corporativa à identidade visual, constituída pelos elementos gráficos, estéticos ou visuais que a caracterizam (logotipo, cores, arquitetura dos prédios, embalagens e afins). Na prática, a identidade corporativa é muito mais do que isso: ela compreende o que a empresa é, o que faz, o que diz e como diz ou faz (BUENO, 2009, p. 188).

Argenti (2006, p.81) afirma que os públicos formam diferentes opiniões de acordo com o que é transmitido pelas organizações. Se o programa de identidade ocorrer da maneira correta, tais imagens devem refletir “com precisão a realidade organizacional”. Caso isso não aconteça e “as percepções diferirem radicalmente da realidade [...], ou a estratégia foi ineficiente ou o modo como a empresa se percebe precisa ser modificado”. Sendo assim, o autor destaca que “compreender a identidade e a imagem é conhecer profundamente o que a organização é e para onde ela está voltada”.

Adentrando já no próximo termo a ser abordado e relacionando aos anteriores, Bueno (2009, p.188) afirma que a reputação é, juntamente com a imagem, um dos reflexos de uma identidade sólida. Enquanto a identidade é algo que a empresa transmite para seus públicos, “a imagem e a reputação são exterioridades [...], representam percepções de pessoas, públicos ou da sociedade (ou mercado) como um todo”.

Também cruzando os conceitos, Argenti (2006, p.97) explica que quando a identidade e a imagem de uma organização estão próximas, o resultado é a criação de uma reputação sólida. O autor ainda aponta algumas diferenças entre os três aspectos:

A reputação se diferencia da imagem por ser construída ao longo do tempo e por não ser simplesmente uma percepção em um determinado período. Diferencia-se da identidade porque é um produto tanto de públicos internos quanto externos, enquanto a identidade é construída por elementos internos (a própria empresa). Além disso, [...] a reputação está baseada na percepção de todos os públicos (ARGENTI, 2006, p.97).

Forni (2013, p.44) também aborda as diferenças entre imagem e reputação. Enquanto a primeira tende a ser “fugaz, efêmera, vulnerável a alterações de toda ordem (humores, condições do tempo, ambientes e contextos, relações extratextuais, etc)”, a segunda é construída ao longo de uma trajetória de vida, agindo de maneira correta de acordo com os padrões éticos vigentes na sociedade. O autor destaca que a reputação “tem características mais de perenidade, de imagem consolidada”.

Segundo Rosa (2006, p.124) a criação da reputação não passa unicamente por valores e pelo discurso de boa conduta. Para o autor, não basta unicamente transmitir isso: é necessário que as atitudes reflitam os valores e gerem confiança em quem acompanha a pessoa ou a instituição. Ao falar de confiança, o autor evoca outro termo: para que esta confiança seja conquistada, tudo depende de como os outros percebem as atitudes da pessoa ou da organização. Para o autor, “reputação é percepção”. (Rosa, 2006, p.127).

Já Bueno (2009, p.190) define que a reputação pode ser considerada como o aspecto mais consolidado e amadurecido de uma organização, enquanto a imagem seria uma percepção.

Poderíamos dizer que a reputação é uma leitura mais aprofundada, mais nítida, mais intensa de uma organização e que, na prática, apenas um número reduzido de organizações chega a ser contemplado com tal nível de representação. Pode-se construir uma imagem de uma organização com alguma facilidade, mas a reputação resulta de uma interação maior, vivenciada por um tempo mais longo e com maior intensidade. [...] A imagem pode ser formada de um único ou poucos e fugidios “momentos de verdade, mas a reputação é a síntese de vários contatos e leituras efetuadas ao longo do tempo (BUENO, 2009, p.191).

Apesar disso, a reputação não está livre de abalos. Rosa (2006, p.169) destaca que dois fatores são essenciais para preservar a reputação: “no lado positivo, criar percepção positiva. E no lado negativo, evitar que os desgastes aconteçam, o que exige adotar um olhar de prevenção”. O abalo acontece, cita o autor, quando existe a contraposição de uma imagem negativa em relação a algo que sempre foi positivo. Estar sempre consciente das fraquezas, avaliando os

pontos frágeis e as vulnerabilidades é a maneira que o autor aponta de diminuir o efeito das eventuais crises de reputação (ROSA, 2006, p.274).

Forni (2013, p.43) refere que os abalos ou as crises normalmente representam uma ameaça à reputação. Os danos podem ser variados, mas para uma pessoa pública, por exemplo, o principal prejuízo pode ser o desgaste da imagem. Destacando que a boa reputação é construída em um longo tempo mas ainda assim é um capital que está constantemente exposto à crises de toda ordem, o autor também traz a tona o fato de que quanto mais visível uma pessoa ou organização se torna, mais vulnerável ela também estará. Tudo por atrair mais interesse da sociedade e da mídia em geral. (FORNI, 2013, p.53)

Para compreender como tais aspectos podem influenciar como uma pessoa é retratada e como isso pode afetar a opinião pública, neste primeiro subcapítulo foram abordados os conceitos e as relações em torno dos termos imagem, identidade e reputação. No subcapítulo seguinte, será explicada a Opinião Pública, levando em conta seus conceitos e a influência da imprensa em torno dela.

2.2 OPINIÃO PÚBLICA

Amplamente discutida atualmente, a opinião pública existe na sociedade antes de qualquer veículo de comunicação. Farias (2019, p.30), lembra que o termo foi utilizado pela primeira por Rousseau, em 1750. Apesar disso, muito tempo antes o conceito já era discutido por nomes proeminentes da história, como Platão e Aristóteles. Em ambos os casos, o adjetivo pública ainda não estava aliado a primeira palavra, mas discutiam questões relativas ao conhecimento e à política, respectivamente.

Dentro desta linha, Furtado (2010, p. 105) detalha como o conceito se manifestava em outra época: “Na Idade Média, a opinião pública é, declaradamente uma alavanca na mão do demagogo. Daí em diante, aparecerá sob um duplo aspecto: expressão genuína da vontade do povo e meio de manipulação desse povo”.

Já Novelli (2007, p.72) pondera que o período após as revoluções liberais do século 18 determinou a opinião pública como uma fonte de legitimação política.

Para a autora, foi nesta época que o termo se tornou “uma instância de vital importância para o funcionamento de democracias modernas”.

Farias destaca um breve panorama sobre o surgimento do conceito e suas diferenças ao longo do tempo:

Já durante o século XVII, Hobbes elabora a obra *The Cive*, em que trata da opinião enquanto algo prejudicial à sociedade, uma que analisa a persuasão e a manipulação exercidas pela corte. Hegel também se dedicou ao assunto e o tratou como um tema contraditório, carente sempre de inúmeras mediações (FARIAS, 2019, p.39).

Partindo da história de seu surgimento para sua definição, a Opinião Pública é apresentada por Figueiredo e Cervellini (1995, p.172) como um termo de difícil entendimento e conceituação. Segundo os autores, quatro fatores dificultam a tarefa de quem o tenta definir. Para eles, o primeiro fator se deve ao fato de a opinião pública estar presente em estudos que pertencem a diferentes segmentos, como Sociologia, Ciência Política, Comunicação, Economia e Psicologia. Para trazer uma unidade ao significado, portanto, seria necessário abordar todas estas áreas, o que acaba se tornando uma tarefa complexa. Augras (1974, p.11) também destaca as diversas fontes utilizadas para abordar o tema em sua obra: “sociólogos, psicólogos, historiadores, políticos, estatísticos”.

O segundo fator apresentado pelos autores é que o termo é considerado de significado clássico em algumas áreas. Figueiredo e Cervellini (1995, p.173) usam a ciência política como exemplo e citam o nome de pensadores consagrados que já estudaram o tema, como Locke, Rousseau, Kant, Burk, Bentham, afora outros.

O terceiro ponto que dificulta a conceituação do termo é tratada pelos autores como a “popularização elitizada” da expressão. Pelo amplo campo em que a opinião pública pode ser utilizada, qualquer conceito que a defina pode parecer simplório. Além disso, a inclinação da mídia a definir os acontecimentos da opinião pública como “fenômenos” em momentos chave para o país, como no falecimento de uma grande personalidade esportiva ou mediante escândalos políticos, impede que se identifique nestes acontecimentos a expressão da opinião pública.

Por fim, o quarto fator de dificuldade descrito é o surgimento das pesquisas de opinião nos Estados Unidos, na década de 30. Para os autores, este advento deixou a ideia da opinião pública contaminada.

Como o conceito de opinião pública é anterior às pesquisas e como as pesquisas retratam os aspectos mais visíveis, interessantes e discutidos da opinião pública, é natural que a associação pesquisa-opinião pública seja feita, ainda que essa associação certamente não ajude no esforço de se conceituar algo que, afinal, existe independentemente das pesquisas (FIGUEIREDO E CERVellini, 1995, p. 173).

Portanto, para se chegar a uma definição do termo, torna-se necessário abordar as conclusões de mais de um autor, assim como fatores que eles consideram importantes para a formação da opinião pública. Para Furtado (2010, p. 115), “o processo de formação da opinião pública se refere a um grande número de indivíduos e a uma grande variedade de temas em discussão que podem se referir a todo tipo de problemáticas sociais”. Além disso, a autora também demonstra que pessoas com relevância pública podem influenciar nos pensamentos de diferentes grupos.

Silveirinha (in Rubim, 2004, p. 410) comenta que, atualmente, o conceito mais usual de opinião pública “talvez seja a de uma soma de opiniões ou aquilo que as sondagens expressam”. Apesar da conveniência desta definição, diz a autora, tal concepção acaba por ser demasiado delimitadora para o termo. Ela aponta três aspectos em que a opinião pública é relevante no cotidiano. No campo político, a opinião pública é o elo que aproxima os políticos e o povo, além de ser uma legitimação das ações dos governantes e também o sentido do poder dos mesmos. No campo social, ela é usada como forma de interação entre os indivíduos, onde se manifestam e são partilhados interesses comuns ao conjunto de pessoas e não somente interesses individuais. No campo pessoal, “a opinião pública estabelece uma dimensão cognitiva, normalmente associada às atitudes”. (SILVEIRINHA in RUBIM, 2004, p.411)

Para Figueiredo e Cervellini (1995, p. 177) o debate público é a origem da opinião pública e esta deve surgir de “um processo de discussão coletiva, implícito ou explícito”. Para os autores, é necessário que haja um objeto específico e que ele

seja relevante o suficiente para suscitar “a discussão pública. Isso significa dizer que o tema tem que ser, em alguma medida, público, ao menos para que os participantes do debate se ponham minimamente de acordo a respeito do que está sendo debatido” (FIGUEIREDO; CERVELLINI, 1995, p. 178).

Faz sentido chamar de opinião pública, segundo o raciocínio que está sendo desenvolvido, todo fenômeno que, tendo origem em um processo de discussão coletiva e que se refira a um tema de relevância pública (ainda que não diga respeito à toda a sociedade), esteja sendo expresso publicamente, seja por sujeitos individuais em situações diversas, seja em manifestações coletivas (FIGUEIREDO; CERVELLINI, 1995, p. 178).

Novelli (2007, p.81) pontua que a formação da opinião ocorre rotineiramente, através de conversas com pessoas próximas, como amigos, parentes e conhecidos. Sendo assim, a opinião pública não se caracteriza como um grande conjunto de opiniões individuais, mas sim como “um processo contínuo em permanente evolução que decorre da troca mútua de experiências, argumentos e informações”.

Já Farias (2019, p. 43) destaca que a opinião é formada em um “processo contínuo, movida por fatos, circunstâncias, filtros, culturas e interesses”. O autor destaca que o acesso às informações, advindas das fontes escolhidas pelo interlocutor para formar sua base informacional, e o processamento das mesmas geram um entendimento que é definido a partir dos filtros de cada pessoa. Quando este entendimento vai ao encontro e outros semelhantes, pode-se chegar ao consenso.

O autor também faz um paralelo sobre o papel da imprensa na relação com a opinião pública. Para ele, a imprensa é, ao lado das mídias sociais digitais, um dos elementos essenciais na formação do termo. Farias (2019, p. 44), comenta o cenário do jornalismo no Brasil e a constante mutação enfrentada neste meio para falar sobre o cenário da opinião pública no país. Hoje, destaca o autor, “a imprensa busca novas maneiras de expressão - mídias alternativas, veículos independentes etc. - sem deixar de haver a força disseminadora e influenciadoras do grandes veículos”. O desligamento dos mais jovens com os veículos de mídia tradicionais é destacado, assim como a ligação dos mesmos com os novos espaços de divulgação de notícias e da informação.

Furtado (2010) destaca o papel dos veículos de comunicação em relação com a opinião pública.

Os meios de comunicação de massa constituem um instrumento central na formação dos estados de opinião pública na sociedade industrial, tanto por sua capacidade de impactar as grandes audiências, como por ser um elemento crucial na difusão de opiniões dos grandes líderes de opinião, que exercem uma função de concretização e de representação das grandes opiniões existentes nos grupos sociais, em que essas opiniões se desenvolvem, vagamente, como formas latentes e imprecisas de valorização dos temas sociais. O líder de opinião e os meios de comunicação de massa realizam, pois, um trabalho de concretização da opinião pública latente (FURTADO, 2010, p. 114).

Segundo Bavaresco e Konzen (2008, p.65 apud Farias, 2019, p.32), a tecnologia expandiu o alcance da televisão, do rádio e do impresso e deu origem a blogs, sites independentes e redes sociais e isto mudou o cenário da opinião pública. Os autores dão destaque a imprensa independente como nova catalisadora de uma alteração no conceito do jornalismo e na capacidade de influência sobre a opinião pública. Eles também destacam que a imprensa foi essencial para fomentar a opinião pública, já que possibilitou que “pensamentos públicos” sobre temas políticos e da rotina fossem formados. Por permitir a liberdade formal subjetiva dos cidadãos, a imprensa é considerada por ambos como centralizadora do conceito de opinião pública. (BAVARESCO; KONZEN, 2008, p.65 apud Farias, 2019, p.39).

Farias (2019, p. 46) segue destacando o papel da imprensa em relação ao conceito ao dizer que “uma opinião jamais será pública caso não seja publicada ou tornada pública. Nesse sentido, a mídia e os meios de comunicação de massa possuem papel fundamental na condensação e na transmissão de pensamentos que vivem uma constante possibilidade de vir a ser uma expressão pública”.

No próximo subcapítulo, serão abordados os termos que são usados para falar sobre pessoas que são alçadas ao papel de ídolos e heróis por sua atuação. Serão abordadas as definições dos termos e como eles são usados pela mídia.

2.3 UMA BREVE HISTÓRIA DO “HERÓI” NA MÍDIA

A construção de “heróis” é uma tônica da mídia brasileira. No que tange ao campo esportivo, muitos atletas já foram alçados a este cargo e tratados por esse título. Campeões do mundo, craques - uma conquista ou um simples momento podem ser suficientes para a produção de um herói nacional. Helal (1998, p. 6) destaca que “um fenômeno de massa, não se sustenta sem a presença de ‘estrelas’” e que são estes personagens que mobilizam fãs a se movimentarem a outros locais, tornando-se referências para muitas pessoas. Fazendo uma diferenciação entre “heróis” de diferentes áreas, o autor destaca que:

De saída, uma diferença básica entre ídolos do esporte e ídolos de outros universos, como música e dramaturgia, por exemplo mostra-se reveladora. Enquanto os primeiros possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico que permeia o esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. É uma competição que ocorre na ação do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte costuma ser considerados “heróis” (HELAL, 1998, p. 6).

Para Bracht (2011, p. 126), o fato de os eventos esportivos terem se tornado verdadeiros espetáculos contribui para a construção da imagem de heróis no jornalismo esportivo. Isso acontece pelos atletas serem “capazes de façanhas não explicáveis, mas, sim, admiráveis”. Além disso, o autor também considera que a vida luxuosa levada pelos profissionais do meio também contribui para que sejam objetos de admiração. De acordo com Bracht, o fato de o público só os ver em grandes aparições, como seus momentos de desempenho, conquista e grandes entrevistas, faz com que a imagem do “herói” seja desenvolvida no imaginário dos leitores e espectadores. Se tivessem uma vida comum, como a maior parcela da população, eles não conseguiriam ter essa aura mítica em seu entorno.

Helal (1999, p. 14), destaca que a mídia tradicionalmente legitimiza modelos e ideais que habitam o campo das ideias do público. Sendo assim, “a análise das formas como são construídas as narrativas míticas dos ídolos [...] nos mostra a existência de uma espécie de “acordo” estabelecido na relação entre mídia e cultura popular”. Para o autor, a mídia tenta criar uma “cooperação” entre admiradores e

admirados, fãs e atletas.

De acordo com Giglio (2007, p.122) ídolos são tratados como heróis no noticiário rotineiramente. Mas Helal e Murad (1995) destacam a diferença:

[...] o herói é quem conseguiu, lutando, ultrapassar os limites possíveis das condições históricas e pessoais de uma forma extraordinária, contendo nessa façanha uma necessária dose de 'redenção' e 'glória' de um povo. Mas para que sua trajetória heróica alcance este status é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as façanhas do herói afirmam. Logo, o mito do herói faz parte de uma relação com os seguidores, os fãs, aqueles que o idolatram. Sem esta relação, este 'acordo', o herói não é herói, o que nos leva a concluir, então, que na figura do herói se encontram agrupadas várias representações distintas da coletividade (HELAL; MURAD, 1995, p. 65).

Giglio cita Campbell (1990, p. 133 apud Giglio, 2007, p. 126) para destacar que “o herói é aquele que concedeu a própria vida por algo maior que ele mesmo e que realizou algo ou passou por experiência pela qual poucos passaram”. O autor faz o paralelo com os acontecimentos esportivos ao dizer que são tratados como heróis os atletas que ficam marcados por façanhas que liguem seus nomes a conquistas específicas.

De acordo com Mussa (2010, p. 18) “a base de um mito parte de um herói sai do mundo da vida cotidiana em direção a uma região desconhecida onde a vitória decisiva é conquistada e o herói volta de sua misteriosa aventura com o poder de conceder dádivas a seus companheiros”. O autor cita como exemplos alguns jogadores de futebol consagrados, como Ronaldo Fenômeno, e suas trajetórias de sucesso em clubes do exterior, além do retorno ao Brasil, onde normalmente estes atletas criam instituições de auxílio à pessoas carentes, para ilustrar este tipo de situação.

O autor ainda pontua que, no jornalismo esportivo, os “atletas heróis” são produzidos em muitas reportagens. A busca por estes personagens, que sirvam de exemplo para os leitores, é vista por ele como uma necessidade para que as matérias sejam melhores aceitas pelo público. O efeito, segundo Mussa (2010, p. 19), é que muitas vezes são criados “heróis” breves e que logo caem no esquecimento.

Para Mussa (2010, p. 20), os “heróis” criados pela mídia também são parte

de um processo de identificação com o público.

Na sociedade espetacularizada, os sujeitos presentes no conteúdo da mídia se tornam espelhos. A admiração da audiência é proporcional ao desejo dos anônimos ocuparem o mesmo lugar daqueles que são admirados. No tipo de apresentação que a mídia faz, tudo se torna potencializado, a vida desses atletas ganha um tom lúdico e o que é a realidade se torna em parte entretenimento. O que é bom se torna ótimo e o que é ruim se transforma no pior pesadelo, assim essa catalisação dos sentimentos e sentidos proporciona para a audiência uma experiência emocional com maior intensidade do que aquela que ela vivencia no seu dia-a-dia (MUSSA, 2010, p. 20).

Bracht (2011, p. 128) também ressalta a identificação do público com estes personagens ao escrever que “na vitória do ídolo a comunidade reconhece sua participação. A comunidade e os admiradores depositam no ídolo a expectativa da realização imaginária/fictícia do desejo de felicidade”. O autor conclui que a recepção e o consumo dos esportes de alto rendimento se encontram no plano da felicidade no plano do imaginário.

Para Marques (2005, p. 3) a mídia é a legitimadora da imagem dos atletas “heróis”. Parte por uma relação comercial com o público, os meios de comunicação acabam sendo o “elo que fundamenta a continuidade do enredo do herói, até que ele assuma a categoria de mito, reservada a apenas alguns eleitos”.

Helal (1999, p. 2) destaca alguns aspectos da construção das narrativas em torno dos “heróis” ao longo do tempo. Para a criação destes personagens, as narrativas que antes eram feitas com uma relação mais próxima com o público, hoje são “‘midiatizadas’ e ‘elaboradas’ de uma forma mais ‘distante’, ‘profissional’ e ‘impessoal’”. De acordo com Giglio (2007, p. 126), o meio esportivo é um campo fértil para a criação destas narrativas e os personagens delas acabam se tornando exemplos de conduta para o público. Para Bracht (2011, p. 127), os “heróis” “são construídos com uma linguagem que subverte o mundo racional à medida que divulga elementos míticos”.

Luduvig (2002, p. 2) destaca o livro “O Herói de Mil Faces”, publicado em 1949, e a maneira como o mitólogo John Campbell, autor da obra, identificou uma estrutura padronizada nas narrativas mitológicas ao analisar mitos, contos populares

e de fadas de todo o mundo. De acordo com o norte-americano, este processo é chamado de “Jornada do Herói”, onde o herói em questão passa por três fases: “A partida”, “A iniciação” e “O retorno”. Para Luduvig, este é “um método que se distingue por propor um padrão narrativo ao qual os seres humanos estão habituados há milênios”.

Marques (2005), também aborda as fases da “Jornada do Herói” em sua obra:

[...] o percurso clássico do herói mítico, tal como conceituado também por Joseph Campbell: diante do limiar da aventura, o personagem mitológico abandona a condição terrena, ultrapassa a primeira barreira e penetra com vida no reino das provas. Iniciada sua jornada, o destino é a obtenção do prêmio maior, o objeto do desejo. E, alcançada a recompensa após inúmeras provas, desafios e derrocadas, tem-se o caminho da volta, tão penoso quanto o inicial: o herói deve agora retornar sob as bênçãos alcançadas e, com o elixir da vitória, restaurar o mundo inicial, ao qual ele pertencia antes de iniciar a aventura (MARQUES, 2005, p. 4).

Helal (1998, p. 6) também remete ao conceito de Campbell ao comentar sobre a diferença entre os ídolos esportivos considerados “heróis” e as celebridades. Segundo o autor, “os heróis devem agir para ‘redimir a sociedade’”. O autor destaca aspectos da narrativa história em torno da imagem do herói, como a luta, a superação de desafios praticamente insuperáveis e a reabilitação e o auge de uma comunidade - o herói deve agir em benefício do seu povo.

Em sua obra, lançada em 1949 e intitulada *O herói de mil faces*, Joseph Campbell (1995, p. 18) aponta que existem três momentos significativos na narrativa do herói: a partida, a iniciação e o retorno. Apesar de estes pontos nem sempre estarem claros no enredo, eles são válidos para a herói, visto que ele vem “do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”.

Em sua obra, Campbell (1995) desenvolve o conceito da jornada do herói - o caminho percorrido pelo protagonista ao longo de uma história. Como comentado anteriormente, esta jornada se divide em três partes com aspectos distintos:

I. A partida

Nesta fase, o autor desdobra cinco pontos na partida do herói para sua jornada:

1. *O chamado da aventura* - aspecto associado a um acontecimento que traz uma mudança para a vida do herói;
2. *Recusa do chamado* - em um primeiro momento, o personagem recusa a ideia de ter que se afastar de sua rotina;
3. *O auxílio sobrenatural* - o herói conta com a presença de uma figura protetora, frequentemente representada por um ancião ou anciã, que lhe dá conselhos ou amuletos que o protejam;
4. *A passagem pelo primeiro limiar* - com as proteções, o herói agora trilha sua jornada e se depara com o “guardião do limiar”, personagem comum em histórias míticas e que tem como papel proteger o portal que levará o herói adiante em seu caminho;
5. *O ventre da baleia* - neste ponto, Campbell (1995, p. 50) comenta que a passagem pelo limiar mágico refere-se a ideia do renascimento do herói. “O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão que morreu”.

II. A Iniciação

A segunda fase da jornada compreende o momento em que o herói adentra em sua experiência, através de seis pontos:

1. *O caminho das provas* - após a passagem pelo limiar, o herói faz uso dos amuletos e conselhos que ganhou na partida para combater testes e desafios por sua sobrevivência;
2. *O encontro com a deusa* - após vencer os obstáculos, provações e criaturas que buscavam impedir sua jornada, o herói agora encontra uma figura feminina, definida por Campbell (1995, p. 65) como a “Rainha-Deusa do Mundo”;
3. *A mulher como tentação* - o herói deve ter atenção para não cair em desejos e

tentações ao longo da sua jornada, impostos a ele para desviá-lo de seus objetivos . Ele não pode ver a mulher como algo carnal, uma destas tentações;

4. *A sintonia com o pai* - Campbell (1995, p. 75) descreve esta parte como a que o herói lembra dos valores passados por seu pai, com o objetivo de guiá-lo. Entretanto, é o ponto da jornada em que o personagem rompe com os valores que lhe foram passados: “Ele é aquele que nasceu duas vezes: tornou-se, ele mesmo, o pai”. Agora, ele enxerga o mundo da sua própria maneira;

5. *A apoteose* - depois de passar por muitos momentos e situações que o fazem refletir sobre seus atos, é a oportunidade para o herói elevar sua consciência perante algumas ações;

6. *A benção última* - em seu último desafio, o herói deve ultrapassar a significação de ícones antes de retornar como um verdadeiro herói;

III. O retorno

Depois de transpassar tantos obstáculos, o herói chega a reta final de sua jornada. Esta etapa é dividida por Campbell em seis itens:

1. *A recusa do retorno* - após vencer, o herói deve voltar a sua terra ou mundo “com o seu troféu transmutador da vida” (CAMPBELL, 1995, p. 114). Entretanto, alguns heróis recusam o retorno, estabelecendo-se na terra divina;

2. *A fuga mágica* - aqui, o herói normalmente é exposto a duas situações. Na primeira, conta com o apoio e a proteção dos deuses e deusas e é encarregado de voltar ao mundo com algum elixir restaurador da sociedade. No segundo caso, se a vitória é obtida sem o consentimento dos deuses ou demônios, o herói deve fugir do mundo mágico, já que não conta mais proteção;

3. *O resgate com auxílio externo* - o herói conta com assistência do seu mundo para ir embora e vencer as dificuldades do mundo mágico;

4. *A passagem pelo limiar do retorno* - em seu retorno à realidade humana, o herói traz as lições e experiências vividas no mundo místico. Nesta volta, repassará isto aos demais;

5. *Senhor de dois mundos* - ao transitar pelos dois mundos, o mágico e o real, o

herói se torna um mestre e detém conhecimento e relevância;

6. *Liberdade para viver* - por fim, o herói está livre para seguir seu próprio caminho. Depois de vencer todos os sacrifícios e provações, ele pode aproveitar sua nova condição;

A obra de Campbell influenciou diversas áreas, entre as quais o cinema, onde Christopher Vogler lança sua obra, intitulada *A Jornada do Escritor*. Nela, o autor faz adaptações da obra de Campbell, conforme explica Martinez (2004). Vogler humaniza e caracteriza o herói como protagonista, estabelecendo uma série de personagens que acompanharão o herói ao longo da sua jornada, além de reduzir as características apontadas por Campbell em doze etapas, subdivididas em três partes:

1. Primeiro Ato: Mundo Comum, Chamado à Aventura, Recusa do Chamado, Encontro com o Mentor, Travessia do Primeiro Limiar;
2. Segundo Ato: Testes, Aliados e Inimigos, Provação Suprema e Recompensa;
3. Terceiro Ato: Caminho de Volta, Ressurreição, Retorno com Elixir;

Como é possível observar, além das mudanças já apontadas, Vogler também adiciona dois novos itens à jornada do herói proposta por Campbell: Mundo Comum e Encontro com o Mentor. No jornalismo, o pesquisador Lima (1999) abordou a jornada do herói ao elaborar doze elementos, seguindo o que foi proposto por Campbell e Vogler, para analisá-la em narrativas sobre a sociedade em geral. Ao estudar as narrativas místicas atreladas ao jornalismo, Martinez (2004) aponta os aspectos citados por Lima:

1. Cotidiano: apresenta o universo do protagonista, revelando conflitos que serão evidenciados na narrativa [...].
2. Chamado à aventura: situação que rompe com a cotidianidade do herói.
3. Recusa do Chamado: parte das pessoas reluta em ingressar na aventura [...].
4. Travessia do Primeiro Limiar: no limite entre o mundo conhecido e o desconhecido, só resta à pessoa ter convicção de que o passo que está tomando é o melhor possível [...].
5. Testes, aliados, inimigos: tempo de crises, porém de oportunidades de crescimento [...].
6. Caverna Profunda: o protagonista está a um lance do momento mais crítico da partida (a Provação Suprema), onde ocorre intenso processo de internalização.
7. Provação Suprema: acontecimento central da narrativa, onde o herói enfrenta seus maiores medos e vivencia o abandono de porções obsoletas da personalidade.
8. Encontro com a Deusa: a assimilação dos atributos do sexo oposto coloca o herói em

contato com os padrões arquetípicos do masculino e do feminino [...] 9. Recompensa: o objetivo é alcançado. O protagonista, transformado, amplia seus conhecimentos em dois planos [...] 10. Caminho de Volta: o herói transmite o conhecimento adquirido à comunidade. 11. Ressurreição: no clímax da história, ocorre o último e mais perigoso encontro com a morte, provocando sensação de catarse. 12. Retorno com Elixir: após a experiência, ocorre a reentrada no mundo cotidiano (MARTINEZ, 2004, p. 5 - 6).

Entretanto, os doze pontos apontados não estão, necessariamente, presentes na jornada do herói presente no jornalismo. Determinadas narrativas podem abordar só alguns aspectos já que, por retratar pessoas reais em trajetórias cotidianas, estes “personagens” não passem pelas doze etapas propostas.

2.4 A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

A Sociedade do Espetáculo, do teórico francês Guy Debord, traz 221 teses que popularizaram o termo como o auge da sociedade capitalista nos agitados anos anteriores a década de 1970. Segundo Kellner (2004, p.5) o termo usado pelo autor apareceu pela primeira vez nos anos 1960 para tratar de “uma sociedade de mídia e de consumo, organizada em função da produção e consumo de imagens, mercadorias e eventos culturais”. A diferença entre fatores como passividade e atividade, consumo e produção, segundo o autor, condenam o consumo vazio do espetáculo como “uma alienação da potencialidade humana para a criatividade e a imaginação”. Para ele, “a sociedade espetacular dissemina seus produtos manufaturados principalmente através de mecanismos culturais de lazer e consumo, serviços e entretenimento regulamentados pelos critérios da publicidade e de uma cultura da mídia comercializada” (KELLNER, 2004, p. 6).

De acordo com Padeiro (2015, p. 27), Debord concluiu que “tudo que era vivido diretamente se esvai na fumaça da representação”. Já Marcondes Filho (2014, p. 88) destaca que o pensador francês afirmou que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, medidas por imagens”.

Relacionando o conceito aos meios de comunicação, Padeiro destaca como a ‘a era do espetáculo’ influencia a produção jornalística:

O relato jornalístico, seja na televisão, na Internet, no rádio e na própria

imprensa escrita, rende-se largamente ao entretenimento para cativar o público consumidor. Na sociedade do espetáculo, toda imagem, mesmo aquela com roupagem jornalística, tem o caráter de objeto a ser vendido. Em um momento de crise no modelo de negócios das empresas jornalísticas no Brasil, o entreter ganha ainda mais força graças à caça por audiência e à introdução de novas tecnologias na fabricação da notícia-mercadoria. Entretém-se para atrair olhares e vender informações, ideologias, produtos e publicidade (PADEIRO, 2015, p. 30).

Oselame (2012, p.52) comenta que indústria do entretenimento e cultural hoje caminham lado a lado, destacando que “é preciso se divertir a qualquer custo, mesmo que a diversão esteja na reprodução de bens culturais padronizados, ou então na espetacularização das notícias”. Para Kellner (2004, p. 7) o entretenimento e o espetáculo hoje adentraram junto a campos como a economia, a política, sociedade e vida cotidiana “por meio de formas inovadoras e importantes”. Para o autor o espetáculo sempre foi caracterizado pelo entretenimento e os espetáculos advindos da cultura de mídia se aperfeiçoam cada vez mais. Tudo para atender aos anseios de quem os consome e os vende, ampliando sua influência perante o público. “As formas de entretenimento invadem a notícia e a informação, e uma cultura tablóide, do tipo infoentretenimento, se torna cada vez mais popular” (KELLNER, 2004, p. 5).

Segundo Oselame (2012, p.73), quanto maior é o poder de consumo de uma sociedade, maior é o seu grau de espetacularização. Neste contexto, a sociedade se torna parte e é promotora dos espetáculos. Para Debord (2003, p. 9 apud Oselame 2012, p. 73), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, midiaticizada por imagens” - fato este que afeta diretamente os meios de comunicação, já que é a eles que cabe a tarefa de “midiaticizar, com imagens, as relações pessoais”. (OSELAME, 2012, p. 73)

Kellner (2004), define como espetáculos alguns dos acontecimentos diários promovidos diariamente no noticiário. De acordo com o autor, Debord apresenta uma noção generalizada e abstrata do termo. Hoje, segundo Kellner:

[...] espetáculos são aqueles fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos. Eles incluem

extravagâncias da mídia, eventos esportivos, fatos políticos e acontecimentos que chamam muito a atenção, os quais denominamos notícia – fenômenos que têm se submetido à lógica do espetáculo e à compactação na era do sensacionalismo da mídia, dos escândalos políticos e contestações, simulando uma guerra cultural sem fim e o fenômeno atual da Guerra do Terror (KELLNER, 2004, p. 5).

No que diz respeito aos eventos esportivos, Betti (1997, p. 34) aponta que tais acontecimentos são alvo de grande interesse da indústria do entretenimento. Diretamente associados aos meios de comunicação de massa, estes eventos são enquadrados pelo autor no termo “esporte espetáculo”, graças ao seu significado na sociedade atualmente. Alguns dos fatores que compõem este conceito são apontados pelo autor: “É por meio da popularidade dos astros esportivos, da constante recepção de informações e imagens sobre o esporte, e da combinação do sucesso com a imagem do produto, que o esporte torna-se interessante para a indústria”. (BETTI, 1997, p. 34)

Para Padeiro (2015, p. 28), a imprensa é diretamente responsável na transformação do evento esportivo em espetáculo: “O megaevento é uma produção da mídia. Sem ela, existe o esporte, mas não no megaevento”. Para o autor, a narrativa por trás dos acontecimentos esportivos tem como objetivo esta transformação. E o público, que está vendo, ouvindo ou lendo de longe sobre o evento, acredita que está presenciando a realidade dos fatos. Quando, na verdade, o que estão presenciando é somente uma representação espetacularizada. O autor ainda pontua que:

Vive-se um período em que o esporte é consumido como produto pela sociedade, e a imprensa reflete e incentiva esse hábito. O esporte espetacularizado é ingrediente fundamental da indústria cultural do entretenimento nos meios de comunicação de massa contemporâneos (PADEIRO, 2015, p. 29).

3 O JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

Neste capítulo, será apresentada a história do jornalismo esportivo no Brasil, a maneira como o surfe passou ter espaço como mídia especializada e aspectos sobre o jornalismo feito por revistas. Para tratar destes assuntos, serão usados autores como Barbeiro e Rangel (2015), Bracht (2005), Coelho (2003) e Fortes (2011).

3.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO - CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DO ESPORTIVO

Com suas especificidades, o jornalismo esportivo é uma das áreas do jornalismo especializado. De acordo com Oselame (2012, p. 53), “a ideia de jornalismo especializado está ligada a um modo particular de tratamento da informação que passa, inclusive, pela linguagem adotada pelos profissionais”. A autora aponta que a estes profissionais cabe a função de “explicar, interpretar, analisar, opinar e contextualizar os fatos” (OSELAME, 2012, p. 53). Além de informar sobre um determinado tema, é necessário que a abordagem seja de fácil compreensão para o público em geral, e não somente para quem é conhecedor do universo do segmento específico, conforme aponta a autora.

Ainda segundo Oselame (2012), diferentes sentidos podem ser atribuídos ao conceito de jornalismo especializado:

[...] há quatro acepções possíveis para a noção de jornalismo especializado. A primeira refere-se à segmentação da audiência e da consequente demanda por profissionais que produzam conteúdos cada vez mais específicos para esses segmentos. O segundo sentido da expressão diz respeito à especialização da rotina de trabalho nas diferentes mídias, cada uma com suas particularidades. O conceito de jornalismo especializado também está ligado ao tipo de conteúdo veiculado (política, esporte...) e pode se referir, também, ao nível de conhecimento que um determinado jornalista apresenta sobre um setor específico (OSELAME, 2012, p. 53).

Para definir o conceito de jornalismo esportivo, o Dicionário *Enciclopédico Tubino do Esporte* define a área como “uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural” (TUBINO;GARRIDO; TUBINO, 2007, p. 719 apud PADEIRO, 2015, p. 17).

Apesar do grande espaço reservado atualmente em todas as mídias, nem sempre o jornalismo esportivo atraiu tamanho interesse popular no Brasil. No século 20, sequer o futebol era a principal atração dos fãs brasileiros e tinha o foco da cobertura diária. As primeiras bolas do Brasil vieram na carga de Charles Miller, brasileiro que visitava a Inglaterra para estudar, em 1894. A cobertura esportiva não era vista como atrativa para as páginas dos periódicos da época. (COELHO, 2003)

Foi só na década de 1910, em São Paulo, que surgiram os primeiros registros de impressos esportivos, com o jornal *Fanfulla*. Segundo Coelho (2003), os italianos eram o principal público do jornal, que neste meio encontrava um crescente número de leitores. A partir do periódico, surgiu um dos mais tradicionais times paulistas da atualidade: o Palmeiras. Inicialmente chamado de Palestra Itália, o time foi formado a partir de uma sugestão em uma das publicações do *Fanfulla*. Coelho (2003, p. 8) ainda destaca que este jornal segue sendo uma das maiores fontes de pesquisa em relação às décadas iniciais do futebol brasileiro. Apesar de o futebol ainda não atrair grandes contingentes na época, o jornal trazia registros de uma página inteira sobre os jogos do então Palestra Itália. “Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra”. (COELHO, 2003, p. 8)

Padeiro (2015, p. 39) aponta que, em 8 de setembro de 1903, o *Correio do Povo* registrou a primeira partida de futebol realizada em Porto Alegre. Em outubro de 1903, na Bahia, o *Diário de Notícias* publicou na primeira página as regras do futebol. Conforme o futebol crescia, os jornais impressos seguiam seu rastro. De acordo com o autor, no final da década de 1920 é iniciado um processo de ordenamento do esporte nos jornais impressos. Os acontecimentos esportivos, até então, quase sempre apareciam em meio a diferentes assuntos, sem nenhum tipo de destaque ou sequer assinaturas dos responsáveis por escrever as matérias.

Marques (2005, p. 6) comenta que, na década de 1930, quem estivesse interessado em saber algo sobre os jogos da seleção brasileira no exterior deveria postar-se em frente a porta dos grandes jornais de São Paulo e Rio de Janeiro e esperar pela divulgação dos resultados. No Rio de Janeiro, apareceu o primeiro jornal a tratar unicamente de esportes no país. Em 1931, surgia o *Jornal dos Sports*.

Apesar disso, Coelho (2003) destaca que o preconceito da época induzia que se pensasse que só pessoas de pequeno poder aquisitivo se interessariam pelo tema. O autor lembra que, sendo assim, o público do jornal teria que escolher entre comprar a publicação ou ir ao estádio.

Foi nesta mesma década, segundo Padeiro (2015, p.42) que os jornais impressos passaram a se preocupar com a política no esporte, “quando clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro passaram a pleitear a introdução do regime profissional de futebol e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) se recusava a acatar o pedido”. De acordo com o autor, o próprio *Jornal do Sports* e o *Jornal do Brasil* acompanharam o caso de maneira parcial e antagônica. Enquanto o primeiro impresso se posicionava a favor da CBD, o segundo foi o porta-voz dos grupos que não respeitavam a decisão da instituição, criando ligas alternativas não reconhecidas pela CBD.

Já em 1938, conforme Marques (2005, p. 6), o advento do rádio surgiu no esporte no Brasil: um jogo da Copa do Mundo, realizada na França, foi transmitido pela primeira vez para o país em 5 de junho daquele ano - a seleção brasileira bateu a Polônia por 6 x 5. Mesmo com esta ascendente, o esporte só foi virar parte de fato dos impressos diários no final da década de 60, como destaca Coelho (2003, p. 10). Em São Paulo, nasceu o *Caderno dos Esportes*, que posteriormente viraria o *Jornal da Tarde*. Com os cadernos de esportes mais presentes nos jornais, Coelho (2003) destaca que o Brasil, então, foi incluído no rol de países com imprensa esportiva de larga escala. Ainda assim, isso não garantia a qualidade do conteúdo produzido, fato muitas vezes dependente do número de profissionais designados para trabalhar na área, comenta o autor.

Segundo Padeiro (2015), algumas funções devem ser cumpridas pelo comunicador da área esportiva.

Atribui-se ao comunicador a função de proporcionar uma discussão em torno do esporte. O jogo, seja ele competitivo e profissional ou praticado como atividade física e lúdica, é essencial nas relações sociais e tem valor cultural - basta observar que, para uma parcela da população, os heróis de hoje ou de um passado recente são campeões esportivos e o esporte é uma das opções mais acessada em termos de lazer e entretenimento. Portanto, a imprensa não pode relatar superficialmente os fatos. Uma das obrigações do jornalista é estar bem informado em relação as

particularidades da pauta (PADEIRO, 2015, p. 17).

Para Barbeiro e Rangel (2015, p. 21), os profissionais da área do jornalismo esportivo devem estudar os esportes que cobrem, sempre com o regulamento dos campeonatos em mãos. Para os autores, é necessário cuidado especial com a apuração e a checagem dos fatos, assim como elaboração nas perguntas para os atletas e detalhamento nas reportagens. O cuidado com uma linguagem acessível e a didática para o público também são aspectos destacados pelos autores, que fazem uma ressalva:

Os repórteres, na maioria das vezes, estão mais próximos dos jogos, dos atletas, dos árbitros e do público. Isso quer dizer que estão mais próximos dos centros geradores de emoção, e por isso são os que sofrem maior impacto. Emoção é um atributo de todo ser humano, e ajuda a aquecer as transmissões esportivas. Não se pode confundir com a paixão, que cega quem tem o dever de enxergar ou atrela o jornalismo a uma causa ou a um ídolo. A paixão emperra a apuração, incentiva a notícia sem acurácia, atrapalha a busca contínua da isenção e da ética (BARBEIRO; RANGEL, 2015, p. 22).

Coelho (2003, p. 37) aponta a segmentação dos jornalistas de esportes como uma barreira. O conhecimento específico também é um fato destacado pelo autor, ao citar que o jornalista muitas vezes se torna melhor quando se especializa em um esporte. O problema, porém, é que há espaço em áreas como o futebol e o automobilismo, que tradicionalmente atraem mais interesse do público no Brasil. Quando é necessário um maior conhecimento em um esporte que não seja tão tradicional, o autor comenta a estratégia que normalmente é usada pelos veículos de comunicação ao dizer que isso “explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição”. (COELHO, 2003, p. 37)

No que tange a construção das notícias nesta área, Padeiro (2015, p. 18) comenta alguns aspectos que considera essenciais neste processo. O conhecimento dos preceitos do esporte, assim como do regulamento e história das disputas esportivas e da trajetória de equipes e atletas envolvidos são alguns destes

pontos. A pesquisa prévia sobre as modalidades e a construção de um banco de dados, comenta o autor, são medidas que podem auxiliar na compreensão e inclusive estimular a prática do esporte. Pela facilidade na assimilação dos aspectos técnicos e táticos, o autor destaca que “estudiosos da área acreditam ser benéfico o aprendizado da modalidade pelo próprio jornalista”. Também deve-se ter cuidado para que questões dos campos político, econômico, cultural e social, normalmente ligadas ao meio esportivo, não sejam ignoradas.

3.2 COBERTURA DE SURFE NO BRASIL

Apesar do amplo espaço reservado ao esporte no noticiário brasileiro, o surfe não tinha espaço em veículos tradicionais. O primeiro título mundial de Gabriel Medina e o bom desempenho do brasileiro nos anos seguintes mudou um pouco este quadro e trouxe mais exposição para o esporte nos últimos anos, mas o futebol segue sendo o principal foco do jornalismo especializado. Ainda assim, ao longo do tempo, sempre houveram tentativas de colocar o surfe como foco principal de um veículo.

A *Brasil Surf*, criada em 1975, foi uma das primeiras revistas especializadas, mas teve vida curta: durou apenas 4 anos. Ainda assim, é considerada como um marco que fortaleceu a cena do surfe como esporte no Brasil. Outra revista foi a *Fluir*, que teve vida mais longa: 33 anos, de 1983 até 2016. Fortes (2008), destaca a importância destas revistas.

[...] no que diz respeito à estruturação e conformação do surfe como um esporte organizado e profissional, as revistas talvez tenham sido o meio de comunicação que mais contribuiu. Isso se deve a algumas razões. Primeiro, são o veículo por excelência feito por e para surfistas. Geralmente são criadas por praticantes e, mesmo que contratem profissionais (diagramadores, fotógrafos, repórteres, editores, redatores), estes em geral são também surfistas. Na redação de *Fluir* nos anos 1980, por exemplo, a maioria das pessoas surfava. E a prática não se restringia aos editores, redatores e repórteres, mas também aos setores de publicidade, fotografia e arte (FORTES, 2008, p. 8).

Além do fato já exposto, o autor também aponta que, por falar com um público mais segmentado e interessado, estes veículos de comunicação contribuíam na consolidação do surfe como esporte através da discussão de valores e práticas

para tal. Os espaços e textos apresentados nestas revistas eram representativos para a comunidade do surfe da época - um grupo composto por todos que faziam a revista, como repórteres, fotógrafos e empresários, e também por leitores, praticantes eventuais, atletas profissionais e demais integrantes da comunidade do surfe. Este aspecto é apresentado pelo autor como o mais político da atuação destas revistas.

Esta convergência de ideias entre as revistas e seu público foi importante também para o aspecto econômico e para a sobrevivência destes impressos, aponta Fortes (2008, p. 9). Empresas que já promoviam campeonatos e atletas que apareciam nas publicações, viram ali a oportunidade de agregar valor às suas marcas. Além disso, a cobertura dos eventos de surfe, como os campeonatos, dava bastante destaque aos apoiadores. Os próprios anúncios das marcas frequentemente eram dominados por imagens de página inteira dos surfistas, de modo que atraíam a atenção dos leitores. Esta espécie de círculo vicioso, onde as marcas investiam nas revistas e retomavam o investimento, ajudou a promover e consolidar o esporte nos anos 80, destaca o autor. Atualmente, este conteúdo visual e que se mistura com a publicidade segue sendo uma tônica nas revistas especializadas em surfe.

Fortes (2009) aponta algumas das publicações de diversos estados do Brasil que ajudaram no desenvolvimento do esporte no país:

Os periódicos sobre surfe tiveram e têm importante papel no desenvolvimento do esporte no país. Entre as revistas estão, nos anos 1970, Surf Sul (Florianópolis), Quebramar (Santos) e Brasil Surf (Rio de Janeiro) (Gutenberg, 1989, p. 186). Nas décadas seguintes: Alma Surf, Hardcore, Inside, Mesklada, Venice, Visual Surf, Expresso do Surf, Fluir Girls, Ação, Swell, The Surf Press. Um boom particular ocorreu em meados dos anos 1980, com Surf Nordeste (PE), Swell (BA), Costa Sul (RS), Quiver (RS), Trip (SP), Terapia Intensiva (PR), Ação (BA) e Surfer (RJ). Entre os jornais, Drop, Inside (inicialmente um jornal publicado pela ACS, tornou-se revista em 1986), Jornal do Surf, Momento Esportivo – Surf, Now, Qual o Lance?, Quiver, Staff, Surf News (Santos), Surf-News (Rio de Janeiro). Há ainda revistas apresentadas ou apresentadas, constantemente, conteúdo ligado ao surfe, como Realce, Pop, Trip e Visual Esportivo (FORTES, 2009, p. 27).

Fortes (2008, p. 10) destaca que houveram períodos em que o surfe teve uma “explosão” no Brasil. O primeiro, por volta de 1977, não contribuiu na

organização do esporte. Já o segundo período, por volta de 1983, foi benéfico neste sentido e na profissionalização da modalidade. Apesar do aumento da quantidade de praticantes e de competições, ainda não foi nesta época que os atletas puderam se declarar profissionais, já que não tinham condições de viver unicamente da prática do esporte. Mas com a criação de diversas entidades locais, começou a ser criada uma associação nacional de surfe, o que culminou no primeiro Circuito Brasileiro de Surfe Profissional, realizado em 1987. A divulgação dos eventos foi uma necessidade percebida por estas entidades, que com este objetivo promoviam a publicação das informações sobre os campeonatos e eventos realizados por elas nas revistas especializadas do meio.

Afora o conteúdo promocional e publicitário, Fortes (2009) aponta uma outra característica marcante das revistas de surfe da época:

[...] a predominância dos elogios é um traço característico da mídia do surfe brasileira. Paradoxalmente, as informações da própria revista sobre o desempenho real dos brasileiros nas competições no exterior contradiziam a chuva de louvores. Ao que parece, em que pese a correção de certas avaliações positivas, boa parte dos elogios deviam-se mais a otimismo e ao objetivo de incentivar o surfe e os surfistas brasileiros do que a uma avaliação da realidade concreta (FORTES, 2009, p. 137).

O autor ainda comenta sobre o acompanhamento de atletas específicos por parte das revistas, dando grande destaque à rotina de treinos e competições de nomes específicos em muitas publicações. Além de serem personagens de matérias, estes atletas também tinham seus nomes associados aos anúncios que eram parte da revista. No caso específico trabalhado por Fortes, o autor cita a revista *Fluir* e o surfista Picuruta Salazar, considerado o principal surfista brasileiro dos anos 80 e, hoje, um dos nomes mais icônicos da história do surfe no país. Fortes (2009, p. 138) explica que o fato das revistas construírem a imagem de surfistas como Picuruta como grandes ídolos se relaciona com a “discussão sobre o papel dos ídolos para o desenvolvimento do esporte, sejam eles grandes competidores ou pioneiros que se tornam heróis míticos”. (FORTES, 2009, p. 138)

Com o passar dos anos, novos nomes surgiram no surfe brasileiro, como comenta Rezende (2004, p. 21) ao destacar o título mundial de surfe amador de

1988 do paraibano Fabio Gouveia, conquistado em Porto Rico. Nos anos 90, aponta a autora, Gouveia e o surfista catarinense Teco Padaratz "entraram com força total no cenário do surfe estrangeiro, competindo de igual para igual com os gringos no circuito mundial de surf (WCT), e em sua divisão de acesso (WQS)". (REZENDE, 2004, p. 21)

Gutenberg (1989, p. 216 apud Fortes, 2009, p. 265), no final dos anos 80, apontou o surfe como um dos três maiores esportes do país. O autor também salientou que a terceira explosão do esporte no país viria nos anos 90, quando um brasileiro conquistasse o campeonato mundial de surfe. De acordo com Gutenberg (1989, p. 189 apud Fortes, 2009, p. 19), em 1989 a revista *Fluir* era a principal revista de surfe do Brasil e ocupava a terceira colocação mundial em tiragem e anúncios, atrás apenas de *Surfing* e *Surfer*, duas revistas produzidas no exterior. Apesar da expansão da modalidade nas duas décadas subsequentes, Fortes (2009) comenta que o esporte havia estagnado no país até a data do encerramento de sua pesquisa.

Em 2011, aconteceu a prevista explosão, como aponta Ferreira (2018, p. 20). Uma nova geração de atletas, apelidada de tempestade brasileira ou *Brazilian Storm* pela mídia especializada, conquistou vitórias inesperadas no circuito mundial. Conforme destaca a autora, o sucesso deste grupo, encabeçado por Gabriel Medina ao lado de Adriano de Souza, Alejo Muniz, Miguel Pupo e Filipe Toledo, não passava unicamente pelo talento. Criados em famílias com tradição no surfe, disciplinados e dedicados aos treinamentos e ao condicionamento físico, os surfistas brasileiros quebraram barreiras e seu sucesso atraiu mais olhares para o surfe. O desempenho brilhante dos atletas brasileiro, afora seu talento, também pode ser atribuído a qualidade das ondas surfadas por eles. No Brasil, as ondulações são mais fracas e não tão constantes, com a as ondas muitas vezes sendo prejudicadas por ventos que não são os ideais para sua formação. Quando a qualidade dos brasileiros encontrou as ondas perfeitas do circuito, a receita do sucesso estava pronta.

Cinco anos depois do encerramento do estudo de Fortes (2009), em 2014, Gabriel Medina conquistava seu primeiro título mundial. Em 2015, Adriano de Souza, apelidado de "Mineirinho", trazia o segundo título para o Brasil. E em 2018,

já consolidado como uma das referências mundiais do surfe, Medina se sagrou bicampeão mundial. Em 2019, o Brasil conta com 12 representantes na elite do surfe mundial. (WSL, 2019) Com um ano de bom desempenho de nomes como Gabriel Medina, Ítalo Ferreira e Filipe Toledo, o esporte deu mais um passo para se consolidar ainda mais no Brasil. Para 2020, a modalidade está incluída nos Jogos Olímpicos de Tóquio e o Brasil é um dos favoritos à medalha de ouro. (COSTA, 2019)

A transmissão dos eventos oficiais do circuito mundial de surfe é feita on-line e promovida pela entidade organizadora do circuito, a World Surf League (WSL). Com um número estimado de três milhões de praticantes do esporte, em um mercado que movimenta cerca de sete bilhões de reais ao ano e detém 20% da produção mundial de pranchas (NETO, 2016), o Brasil chamou a atenção da entidade. Além das transmissões em inglês, a organização também realiza transmissões em português de todos os principais eventos.

Na contramão deste crescimento, o mercado de impressos especializados em surfe no Brasil só diminuiu. A revista *Fluir*, citada anteriormente como uma das maiores do mundo nos anos 80, encerrou suas atividades em 2016 (RIBEIRO, 2016). A revista *Hardcore*, atualmente, é a única revista impressa do Brasil. E como destaca o fotógrafo Jair Bortoleto, ex-editor-executivo da sucursal brasileira da *The Surfer's Journal*, publicação californiana que também encerrou suas publicações no Brasil em 2019:

O mercado de revistas está acabando, infelizmente. Só há, hoje no Brasil, a "Hardcore" como revista impressa. Logicamente é muito triste! Porque todo fotógrafo sonha ver suas fotos impressas, mas é preciso se adaptar. Surgiram outros meios de publicação, como as redes sociais, que se você souber controlar seu material, consegue, às vezes, fazer dinheiro com isso. Porém, revistas como a "The Surfer's Journal" são essenciais para o surfe, pois mantêm a história no papel. Foto na internet dura um dia, pois a quantidade de material publicado é absurda. Ninguém lê mais nada! (SOUSA, 2019).

3.3 JORNALISMO DE REVISTA

O jornalismo de revista pode ser definido de diferentes maneiras. Alinhadas

com a época de sua publicação, estas publicações podem servir como uma forma de representação deste período, contribuindo para a o conhecimento da realidade vivida ao longo de sua existência. Scalzo (2011, p. 16), destaca que nas revistas “estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas”.

A autora também enfatiza alguns aspectos que compõe a publicação de uma revista:

Até por causa de sua periodicidade - que varia entre semanal, quinzenal e mensal -, elas cobrem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias. Entretanto, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura. (SCALZO, 2011, p. 13)

Nascimento (2002, p. 18), define as revistas como publicações periódicas com diferentes formatos e temas e destaca três aspectos que as diferem dos jornais. Primeiramente, o tratamento visual, onde, além da melhor qualidade do papel usado e da impressão, também existe maior liberdade de diagramação e do uso de cores em seu visual. Em segundo lugar, a autora aponta o tratamento textual, que com a distância do imediatismo necessário em jornais e na televisão, permite uma análise mais detalhada dos fatos e um fornecimento maior de informações sobre os ocorridos. O terceiro ponto comentado pela autora é a segmentação.

Para Thornton (1996, p.151 apud Fortes, 2009, p.26), as revistas segmentadas atuam nas subculturas “categorizando, explicando, discutindo, rotulando grupos sociais, gostos e preferências, organizando dados disparatados, legitimando-os e apresentando-os como algo distintivo”. Desta forma, as revistas não somente cobrem a realidade destas subculturas, mas também contribuem para a construção das mesmas. A segmentação de público e do tema abordado, portanto, é essencial para este tipo de veículo de comunicação.

O fato dos responsáveis por produzir as revistas normalmente estarem inseridos nas subculturas, dividindo interesses em comum com os leitores das revistas, é apontado por Thornton (1996, p. 153 apud Fortes, 2009, p. 26) como um

dos principais motivos para o envolvimento destas publicações com as próprias subculturas. Outro motivo destacado pela autora é relacionado ao consumo: estando diretamente associada a um tema que atrai o interesse de um determinado grupo, a revista então terá leitores e, na teoria, terá mais vendas.

De acordo com Scalzo (2011, p. 13), historicamente, as revistas não tendem a ser necessariamente noticiosas. Na verdade, a educação e o entretenimento são seus principais campos. A autora destaca que as revistas surgiram primeiramente com a finalidade de divertir seus leitores - através de ilustrações e imagens, elas visavam distrair seu público, levando-os a lugares que eles jamais imaginariam visitar. Apesar disso, agiram na educação de uma boa parte da população, tornando acessíveis muitas informações específicas para pessoas que não tinham vontade ou possibilidade de adquirir o conhecimento através dos livros. A autora ainda pontua que, enquanto os jornais são marcados por surgirem com a marca da política e das notícias do dia a dia, as revistas cumprem a função de ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação e na interpretação dos incidentes.

Azubel (2013, p. 259), também comenta o papel das revistas no aprofundamento de temas publicados em mídias mais imediatas. A autora destaca o tempo que estas publicações têm para isso, em função da sua periodicidade ser maior, e que este tempo permite mais elaboração da pauta, checagem dos fatos, análise das informações e exploração de diferentes pontos de vista. Na abordagem dos assuntos, é possível reconstruir melhor os acontecimentos e também abordar de forma interpretativa e opinativa os ocorridos em seus textos. Azubel (2013) ainda traz a tona algumas ressalvas em relação ao jornalismo de revista:

Revistas cobrem funções sociais que estão além e aquém do reportar. Podemos caracterizá-las por recrear, trazer análise, reflexão e experiência de leitura. Concomitantemente, são capazes de promover a miséria do pensamento, erigir mitos, sustentar estereótipos e fomentar ideologias. Assim, comportam, em relação de justaposição, tolerância e negociação, o conhecimento e a cegueira, a consciência e a incompreensão. (AZUBEL, 2013, p. 259)

No campo das revistas esportivas, Scalzo (2011, p. 36) comenta que, mesmo sendo o país do futebol, o Brasil não tem uma grande revista sobre o tema. A autora lembra do nome da revista Placar, que embora tenha sido a experiência mais bem sucedida, teve uma trajetória marcada pela instabilidade. Se uma grande revista sobre o esporte não existe, a segmentação é apontada pela autora como algo que funciona - como é o caso das revistas especializadas em surfe. De acordo com o exposto pela autora, estas revistas surgem e sobrevivem direcionando-se a públicos menores, porém fiéis. Scalzi (2011) ainda comenta que a os recursos gráficos utilizados nas publicações sobre surfe acabam sendo incorporadas por revistas maiores.

4 GABRIEL MEDINA: DE PROMESSA À CAMPEÃO MUNDIAL

4.1 METODOLOGIA E PROPOSTA DE ANÁLISE

Nos capítulos da presente monografia, utilizou-se a técnica de pesquisa bibliográfica e documental e a análise de conteúdo. Para Marconi e Lakatos (2013, p. 43), as pesquisas bibliográfica e documental estão inseridas dentro de um processo de documentação indireta, que usa “fontes de dados coletados por outras pessoas, podendo constituir-se de material já elaborado ou não”. As autoras comentam que elas são divididas entre pesquisa de fontes primárias, no caso da documental, e pesquisa de fontes secundárias, para a bibliográfica. Já para Gil (2002, p. 63), a pesquisa bibliográfica e documental pode ser compreendida como um estudo exploratório, pois tem “a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa”.

Marconi e Lakatos (2013, p. 23) definem a pesquisa bibliográfica, utilizada nos capítulos 2 e 3 desta monografia, como o “levantamento de referências já publicadas, em forma de artigos científicos (impressos ou virtuais), livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto”. Prodanov e Freitas (2013), destacam demais aspectos da técnica em sua definição:

Pesquisa bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Para Gil (2002, p. 46), as fontes da pesquisa documental são muito mais diversas. O autor comenta que há muitas semelhanças com a pesquisa bibliográfica, mas que a grande diferença entre ambas é o fato de a pesquisa

documental se valer “de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. O autor divide as fontes em duas categorias: documentos de primeira e de segunda mão. No primeiro caso, estão os que ainda não passaram por nenhuma análise. Documentos de arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, diários, fotografias, etc. Na segunda categoria, estão os que já foram analisados - relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, etc. Prodanov e Freitas (2013, p. 56) entendem por documento todos os registros que podem ser usados como fonte de informação depois de uma investigação que envolva observação, leitura, reflexão e crítica sobre o conteúdo do material.

No último capítulo, onde é realizada a análise das menções ao surfista Gabriel Medina nas páginas da revista Hardcore, foi utilizada a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2009), esta técnica pode ser considerada como:

[...] um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados (BARDIN, 2009, p. 32).

Marconi e Lakatos (2013, p. 29) explicam a diferença entre as análises de conteúdo e documental. No primeiro caso, é levado em conta o significado do conteúdo, enquanto a análise documental consiste em “um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento de forma diferente”. Bardin (2009, p. 48) também aponta as diferenças entre ambas ao apontar que, enquanto a documental trabalha com documentos e tem como objetivo “a representação condensada da informação”, a análise de conteúdo lida com mensagens e tem como objetivo sua manipulação.

Bardin (2009, p. 121) destaca que as fases da análise de conteúdo estão organizadas em três centros cronológicos. A pré-análise, o primeiro destes centros, é a fase da organização do trabalho a ser elaborado. O objetivo desta etapa é “sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso de

desenvolvimento de operações sucessivas, num plano de análise”. O segundo polo abordado por Bardin (2009) é o da exploração do material, onde serão aplicadas as decisões tomadas ao longo da pré-análise, caso ela seja bem-sucedida. Esta fase é destacada como “a análise propriamente dita”. No terceiro centro, o tratamento dos resultados obtido e interpretação, Bardin (2013) aponta que os resultados brutos “são tratados de maneira a serem significativos e válidos”. Operações estatísticas permitem que se estabeleçam quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos. Tendo estes resultados, o analista então pode propor inferências e adiantar interpretações sobre os objetivos previamente estipulados.

A presente monografia analisa matérias sobre Gabriel Medina, surfista brasileiro bicampeão mundial de surfe, em diferentes períodos da sua carreira. Campeão em 2014 e 2018, Medina sempre foi apontado como um expoente do esporte, muito antes de concorrer ao título mundial. Desde os 15 anos, em 2009, já chamava a atenção por seus resultados expressivos em competições nacionais, como quando venceu o consagrado Neco Padaratz em uma das etapas da divisão de acesso mundial (RODRIGUES, 2009). Em 2011, aos 17 anos, o surfista brasileiro conquistava suas primeiras etapas no principal circuito mundial e batia de frente com ídolos como Kelly Slater, atraindo não só a atenção dos olhares do Brasil, como do mundo (CARRASCO DE SLATER..., 2011). Com este bom desempenho, a mídia especializada sempre apostou em Medina como um dos grandes nomes para o futuro do surfe, trazendo matérias sobre seu desempenho e acompanhando sua rotina de treinos e competições.

Para a análise de conteúdo, foram selecionadas seis edições da Revista Hardcore em diferentes fases da trajetória de Gabriel Medina. Primeiramente, as edições foram escolhidas por trazerem o atleta como capa da edição. Apesar de, ao longo dos anos, a Hardcore estampar Gabriel Medina em 13 capas, de 2011 até 2019, a delimitação de seis edições visa identificar pontos cruciais da carreira do surfista, evidenciando as diferentes maneiras como sua imagem era abordada desde que era uma promessa até o momento em que se tornou um expoente mundial do esporte. A revista Hardcore foi escolhida por ser o veículo especializado em surfe de maior relevância no Brasil atualmente, além de ser o único impresso. Na primeira edição selecionada, de fevereiro de 2011, Gabriel Medina era apenas uma promessa do esporte. Na última, na edição de setembro e outubro de 2018, era

um dos favoritos ao bicampeonato mundial de surfe.

A partir da seleção dos exemplares da revista Hardcore, foram observados os termos utilizados para se referir ao surfista desde o começo da carreira até o período em que se tornou um atleta consagrado, assim como as diferenças entre estes termos ao longo do recorte de tempo selecionado. O conceito da jornada do herói de Campbell (1945) e suas três etapas, com suas respectivas características, norteou a análise das narrativas em torno de Gabriel Medina, mostrando, assim, como o surfista deixou de ser só mais uma promessa para ser tornar um herói nacional. Utilizando a jornada do herói como base para a análise, foi possível observar etapas dos conceitos de Campbell na narrativa da revista Hardcore.

4.2 A REVISTA HARDCORE

Único veículo de mídia impressa especializada em surfe atualmente no Brasil, a revista Hardcore completou, em 2019, trinta anos de existência. Fundada em 1989 pelo casal Simone Sanches e Wanderley Romano, a publicação primeiramente foi lançada em formato de tabloide. Durante oito edições, manteve o formato com uma capa colorida e páginas em preto e branco, como um grande jornal, tendo inserções de cadernos coloridos em sua composição ao longo do tempo.

Conforme aponta Fortes (2009, p. 27) a Hardcore é considerada como um dos periódicos que teve uma função importante no desenvolvimento e na afirmação do surfe como esporte no país. Desde sua fundação, a Hardcore era um veículo regional que, ao lado de muitas outras publicações semelhantes, tentava crescer. Seguindo a explosão da modalidade no final da década de 1980, com a organização de circuitos cada vez mais organizados e o aquecimento do mercado em torno da modalidade, o então tablóide sofreu uma grande mudança na sua edição de número nove.

A partir da fusão com uma agência de publicidade especializada em anúncios de surfe, uma iniciativa de um de seus fundadores, nasceu a primeira edição da Hardcore como revista - trazendo a cobertura da temporada havaiana de 1989/90. Após mudanças diretivas ao longo dos anos 90 e 2000, em 2009 a revista foi

adquirida por uma editora, o que ditou um novo período de crescimento para o veículo.

Até 2016, a revista dividia o mercado com revista Fluir. Até então a mais longeva em atividade, com 33 anos de circulação, a Fluir teve suas atividades encerradas, deixando a Hardcore como único impresso especializado em surfe no Brasil e cercado de expectativas. “A Fluir perdeu qualidade, sua principal concorrente, a Hardcore, ganhou espaço, e hoje tem responsabilidade de segurar essa onda. Eu espero que consiga”. (GONDIM, 2016)

Atualmente, a revista Hardcore tem periodicidade bimestral, com edições impressas e digitais. De acordo com o exposto no site da editora Três, responsável pela publicação da revista, a Hardcore é assim definida:

Com um time sólido de jornalistas especializados, colunistas, fotógrafos e colaboradores nacionais e internacionais, a Hardcore produz mensalmente os melhores conteúdos, entre reportagens, entrevistas e novidades do mundo do surf. Referência por suas edições temáticas desenvolvidas sob design moderno, a Hardcore antecipa tendências de comportamento por meio de opiniões fortes e serviços, também compartilhados na dinâmica de sua plataforma digital.

Com a extinção dos demais veículos de mídia impressos especializados em surfe nos últimos anos, a Hardcore resistiu como a única revista impressa do meio.

4.3 MEDINA E A EVOLUÇÃO DA COBERTURA DO SURFE NO BRASIL

Neste subcapítulo, serão abordadas a história e a trajetória de Gabriel Medina. Para isso, será utilizada a biografia autorizada escrita por Tulio Brandão, em 2015. Após, será feita uma abordagem sobre o desempenho do atleta nos anos seguintes, valendo-se de matérias e dados de entidades e da mídia especializada.

Nascido 22 de dezembro de 1993, da união de Simone Medina com Claudio Ferreira, Gabriel Medina Pinto Ferreira é o filho mais velho de três irmãos. Dois anos mais novo, Felipe Medina é filho do mesmo casal, enquanto a caçula, Sophia, nasceu em 2005, fruto da união de Simone com Charles Saldanha.

Interessado primeiramente no futebol, Gabriel se interessou pelas ondas a partir da amizade com Cauê Ferreira, seu primeiro amigo surfista. Gabriel, aos seis anos, queria saber como era estar com a prancha no mar, mas sua mãe não tinha tempo para acompanhá-lo e tinha medo das ondas de Maresias. Sempre que Cauê saía para surfar, Gabriel o pedia para ir junto. Então com oito anos, Gabriel se juntou ao amigo e ao seu primo e foi surfar na Barrinha, canto esquerdo da praia de Maresias, com uma prancha emprestada. “Cauê empurrou-o na onda e lembra de ter percebido como ele aprendia rapidamente o esporte. Gabriel já entrava na onda, em pé, surfando no corte, na parede, longe da espuma”. (BRANDÃO, 2015, p 46)

Fora do mar, a família de Gabriel se separava. Depois do divórcio, sua mãe batalhava para complementar o orçamento da casa. No verão de 2003, Simone voltou a trabalhar na loja de Charles Saldanha, onde já havia trabalhado outras vezes. O proprietário, que além da loja também alugava chalés, ofereceu a Simone um quarto em troca da arrumação do local. A partir disso e de muitas conversas, se apaixonaram. Mas o fato de Simone ter dois filhos de outro casamento era preocupante para ela. Ao conversar com Gabriel sobre a situação, o menino, então com nove anos, apoiou sua mãe seja qual fosse a decisão que ela tomasse. Neste momento, destaca Brandão (2015, p. 50), Gabriel Medina dava um grande passo rumo à sua carreira de surfista profissional: ganhava um novo pai e um novo treinador.

Foi da loja de Charles que veio a primeira prancha de surfe de Gabriel, uma 5’7” (cinco pés e sete polegadas) usada que ainda era muito grande para ele. Pouco tempo depois, já trocava por uma nova e adaptada ao seu tamanho. A evolução era aparente, e Charles notou isso. Em conversas com Simone, falava sobre o talento que Gabriel mostrava na água e que seus primeiros passos mostravam um “talento incomum para o surfe” (BRANDÃO, 2015, p. 51). Desta forma, Charles o incentivou a participar das competições locais.

Em 2003, foi vice-campeão do Circuito Sebastianense de surfe. Um ano depois, aos 10 anos, conquistou a quinta colocação na categoria estreante do circuito paulista e foi campeão mirim da Associação de Surf de Maresias. A escalada seguiu e, em 2005, Gabriel foi competir fora do litoral paulista, na etapa seletiva do Rip Curl Grom Search do Costão do Santinho, em Florianópolis. Ao ficar

com o segundo lugar em um dos mais importantes circuitos amadores do país, Gabriel surpreendeu a todos. Na etapa seguinte do mesmo circuito, na praia de Geribá, em Búzios, Gabriel conquistou o título da categoria sub-12. Sua trajetória de competições seguiu crescendo e, em 2007, na última seletiva do Volcom Qualifying Series (VQS), Gabriel competiu em uma categoria acima da sua e bateu todos seus adversários para conquistar a vaga no mundial VQS, uma competição internacional. De acordo com Brandão (2015), seu desempenho na final foi assombroso.

Na final, pela primeira vez na vida, ele utilizou uma de suas principais armas, os aéreos. [...] O garoto transformara a difícil manobra num movimento funcional, executado em harmonia com o caminho percorrido na onda. (BRANDÃO, 2015, p. 59).

Em suas primeiras viagens internacionais, Gabriel conquistou o vice-campeonato no QVS da Califórnia e no ISA Games. A estratégia de Charles Saldanha, comenta Brandão (2015), era colocar Medina nas competições sempre contra adversários de uma faixa etária acima. Sendo assim, entre 2005 e 2008 o surfista teve destaque em todas as competições amadoras que participou. Aos 14 anos, no final de 2008, o técnico então resolveu fazer com que Gabriel realizasse os primeiros testes profissionais. E no Onbongo Pro Surfing, em Ubatuba, o jovem surfista paulista venceu pela primeira vez um integrante da elite do surfe ao bater Adriano de Souza.

Em 2009, Medina venceu a seletiva do Rip Curl Grom Search e conquistou a chance de competir em uma das etapas do mundial profissional do ano seguinte. Brandão (2015) ainda destaca que foi no mesmo ano que Gabriel assinou seu primeiro pré-contrato com a Rip Curl, tradicional marca internacional de surfe, o que fez com que ele deixasse de ser amador.

Na Praia Mole, em Florianópolis, Gabriel enfrentou seu primeiro desafio como profissional na etapa do World Qualifying Series (WQS), a divisão de acesso do circuito mundial. Ao bater Neco Padaratz, 32 anos, um dos surfistas de maior renome do Brasil na época, Gabriel se tornou o surfista mais jovem a vencer uma etapa do WQS, aos 15 anos. E chamou a atenção da mídia especializada, não só

pela idade como pelo desempenho. Conforme destaca Brandão (2015, p. 72), “Gabriel surfou de modo intimidador. Usou o recurso dos aéreos [...] para conseguir notas altas e dominar a bateria. No fim, o menino de 15 anos viu de perto a fúria de seu adversário, que socava a prancha por não ter conseguido a onda da virada”.

Em mais um capítulo chave de sua curta trajetória profissional, Medina viajou à França para participar do King of the Groms, em Hossegor. Brandão (2015) comenta que todos os presentes na competição, tanto o público quanto os juízes, estavam impressionados com o desempenho do atleta. Ao conquistar a pontuação máxima na bateria final contra o também brasileiro Caio Ibelli, exibiu toda sua técnica. Novamente, Gabriel chocava o mundo do surfe, conforme destaca Brandão (2015):

Ele se deu ao luxo de descartar notas superiores a nove. O australiano Perry Hatchett, chefe dos juízes do evento, protagonizou uma cena emblemática, transmitida durante a final. Com as mãos espalmadas, ele fez o sinal de duas notas 10 consecutivas e, em seguida, encolheu os ombros, como quem diz: “Ninguém pode parar esse moleque”. (BRANDÃO, 2015, p. 76)

Em junho de 2011, vindo de uma fase de resultados fracos, Medina foi campeão do Supersurf de Imbituba, um dos eventos de maior pontuação da divisão de acesso. A vitória no campeonato fez com que ele assegurasse seu nome entre os 32 integrantes que fariam parte da elite do surfe mundial na segunda parte da temporada. No segundo semestre de 2011, estreou aos 17 anos no circuito mundial e, em Trestles, na Califórnia, todos aguardavam pela performance do brasileiro. Com critérios de avaliação diferentes por parte dos juízes, que valorizavam mais o surfe de borda do que os aéreos, Gabriel acabou sendo eliminado precocemente. Na etapa seguinte, na França, nova decepção. Diante dos maus resultados, surgiram as primeiras críticas e dúvidas em relação ao talento do surfista.

Dentro da mesma competição, Gabriel mostrou capacidade de recuperação e conseguiu começar a vencer. Na quarta fase, não eliminatória, enfrentou pela primeira vez na vida o americano Kelly Slater, maior campeão mundial de todos os tempos. Gabriel perdeu mas, depois de passar direto pela repescagem graças à

uma contusão do seu adversário, deu de cara com o 11 vezes campeão mundial novamente - dessa vez, em um confronto eliminatório. Conforme aponta Brandão (2015) o brasileiro não temia o confronto. Muito pelo contrário. Sentia-se animado e falava para Charles sobre a possibilidade de vencer.

Entrou na água confiante. Saiu na frente e, em pouco tempo, com a conhecida e mortal sucessão de aéreos, colocou o americano em combinação. Kelly estava atordoado como um boxeador bem golpeado. Errava manobras, não sabia como escapar do nocaute. Quando a sirene tocou em Hossegor, Charles e Simone, na areia, desabaram num choro convulsivo. (BRANDÃO, 2015, p. 95)

Após passar por Kelly Slater, Medina chegou à final e fez uma bateria emocionante contra Julian Wilson, onde virou o placar nos instantes finais. Para comemoração de sua família na beira da praia, Gabriel Medina vence sua primeira etapa na divisão de elite do circuito mundial de surfe. Na etapa portuguesa, com a autoconfiança no máximo, Gabriel não conseguiu se focar e caiu logo na fase 2. Após um puxão de orelha do técnico, nova conquista em São Francisco, com direito a vitória em cima de Kelly Slater e um desempenho arrasador na final contra o australiano Joel Parkinson, uma das referências do esporte. Conforme aponta Brandão (2015), a segunda vitória em quatro provas como integrante do WCT fez com que o surfista de Maresias tivesse o melhor semestre de um estreante na história do circuito mundial.

Mesmo com este rótulo, a mídia especializada ainda tinha dúvidas com relação ao desempenho de Medina nas pesadas ondas de Pipeline, no Havaí: “Os especialistas [...] não tinham qualquer expectativa sobre seu desempenho nas ondas havaianas. Comentavam, sem medo de errar, que ainda era cedo para avaliá-lo e que não dava para exigir performance de um surfista de 17 anos” (BRANDÃO, 2015, p. 101). Com uma surpreendente 5ª colocação, Gabriel finalizou o ano de 2011 na 12ª colocação, participando de cinco das onze etapas do circuito.

Após uma sétima colocação no circuito em 2012, em 2013 “terminou seis provas em 13º lugar e outras duas em 25º. Salvou-se da degola do rebaixamento graças aos bons resultados no Rio e na França” (BRANDÃO, 2015, p. 122). No

mesmo ano, o Canal Off fez uma proposta para que o atleta tivesse seu próprio programa na grade horária do canal. De acordo com Brandão (2015):

O videomaker Henrique Daniel Mendes Madanelo tinha viajado para a perna europeia do circuito mundial de 2011 com a dupla missão de gerar imagens para seu filme, *Ao Vento*, e para o programa *Brazilian Storm*, do Grupo Sal. Produziu um fantástico documentário sobre o avassalador ano de estreia de Gabriel e, com isso, aproximou-se da família. Em 2013, Charles o convidou para seguir as etapas da temporada. Henrique contrapropôs produzir um programa a partir dessas viagens. Em agosto daquele ano, nascia o *Mundo Medina*, sucesso do Canal Off, que revela os bastidores da participação do surfista no WCT. Henrique se transformou num dos companheiros de viagem preferidos da família. (BRANDÃO, 2015, p. 105).

Após uma lesão séria durante suas férias, Medina precisou correr contra o tempo para não perder a primeira etapa do circuito de 2014. Depois de muita dedicação para voltar a surfar em tempo hábil, ele conseguiu retornar aos treinos no Havaí duas semanas antes da primeira etapa da Austrália, em Snapper Rocks, que marcaria o começo do tour de 2014. E o esforço valeu a pena: Gabriel fez a final com Joel Parkinson e conquistou a vitória, de virada. Na segunda etapa do ano, em Margaret River, o surfista brasileiro chegou até as quartas de final. No terceiro evento, em Bells Beach, caiu após um confronto contra Mineirinho, na fase cinco.

Na etapa do Rio de Janeiro, a quarta do ano, eliminação precoce. Mas em Fiji, a reabilitação: após bater Nat Young na final, Gabriel assumiu a lycra amarela, destinada ao líder do campeonato, para a etapa da África do Sul. Surfando pela primeira vez nas perfeitas e longas ondas para a direita de Jeffreys Bay, Medina novamente surpreendeu. Com a conquista do quinto lugar, “mostrou sua enorme capacidade de rápida adaptação a novas ondas, a cenários diferentes” (BRANDÃO, 2015, p. 138).

Na sétima etapa, a temida onda de Teahupoo, no Taiti. Após um somatório expressivo na semifinal, Medina esperava pelo seu adversário. E na semifinal entre John John Florence e Kelly Slater, melhor para o americano. Após uma disputa acirrada, onde Kelly ficou a três centésimos do somatório que lhe daria a vitória, o troféu era de Gabriel. Medina se firmava na liderança do circuito. O sonho do título

mundial estava mais próximo. Mesmo com a eliminação nas quartas de final em Trestles, na Califórnia, Medina não oscilou na liderança já que Kelly Slater não passou da semifinal.

Chegada a perna europeia, a oitava etapa do circuito seria na França, onde o atleta brasileiro normalmente tinha um bom desempenho. Derrotado por Josh Kerr nas quartas de final, Medina poderia ter novamente sua liderança ameaçada em caso de um bom resultado de Kelly Slater. Mas, mais uma vez, o americano não aproveitou a chance e foi atropelado pelo sul-africano Jordy Smith. Com a derrota do americano, Gabriel poderia ser campeão mundial caso conquistasse a etapa de Portugal.

A chance do título fez com que toda família Medina se dirigisse à Portugal. De acordo com Brandão (2015, p. 163) a expectativa pelo primeiro título mundial fez com que as coisas fugissem um pouco do controle. “A TV Globo mandou uma equipe completa para cobrir o evento. O Domingão do Faustão já tinha agendado para Gabriel falar sobre o título mundial no programa, logo depois das provas” (BRANDÃO, 2015, p. 163). Com o cenário caótico, a areia estava lotada demais até para Gabriel fazer sua tradicional oração antes da bateria. Mesmo com todo clima de euforia, Gabriel foi eliminado na terceira fase por Brett Simpson, um dos surfistas de pior colocação na temporada. Afora sua eliminação, o brasileiro ainda viu Mick Fanning ser o campeão do evento. Ao lado de Kelly Slater, Medina tinha um novo obstáculo para seu primeiro título mundial.

O longo período entre a penúltima e a última etapa do ano serviu para Gabriel retornar para Maresias em busca de preparação. Ao participar do evento da divisão de acesso em Maresias, com o objetivo de prestigiar a comunidade local e a competição, o assédio foi imenso. O brasileiro não foi longe e caiu na fase 4 para o australiano Julian Wilson. Charles, então, decidiu que era o momento de ter uma conversa com seu filho: ele “teria que ser completamente blindado. Ficaria longe da imprensa, do obaoba dos fãs, do assédio. O plano era o isolamento associado a um treinamento intensivo, físico e técnico, nas semanas restantes” (BRANDÃO, 2015, p. 168).

Depois do início da competição ser postergado em dez dias, devido a espera pelas ondulações, Medina avançou até a quarta fase, batendo Dusty Payne e

tirando as chances de Kelly Slater buscar o título. Na fase seguinte, encarou o compatriota Filipe Toledo e passou pelo adversário depois de completar um tubo, conseguindo a nota de 8,67 para seguir rumo à próxima bateria. Ainda assim, o australiano Mick Fanning poderia tirar o título de Gabriel caso vencesse a etapa.

Na repescagem, Mick enfrentaria o brasileiro Alejo Muniz, que havia eliminado Kelly Slater momentos antes. Nos instantes finais da bateria entre Mick e Alejo, faltando 30 segundos para terminar a bateria, as ondulações simplesmente pararam, impossibilitando que uma nova onda para o australiano pontuar. Neste momento, tocou a buzina final e Medina começou a chorar, com os dedos indicadores em riste, apontados para o alto, “agradecido, como se Deus estivesse ali, logo acima dele, no céu do arquipélago, a protegê-lo” (BRANDÃO, 2015, p. 179). O Brasil tinha o seu primeiro campeão mundial de surfe.

Se no local a comoção tomou conta de todos, desde dirigentes como Renato Hickel e Kieren Perrow, além do próprio narrador em inglês da transmissão *on-line*, Pat Parnell, que não conseguia narrar por estar com a voz embargada, a competição ainda não havia acabado. Mesmo nos braços da multidão, com a bandeira em punho e gritando a plenos pulmões pela comemoração do título, Medina voltou para competir novamente contra Filipe Toledo. Depois, fez a semifinal com Josh Kerr. E chegou a final contra Julian Wilson. Mesmo sendo derrotado pelo australiano, Gabriel “em seguida, recebeu, na frente de sua fiel e apaixonada torcida, o sonhado o troféu prata [...] O alvo da única obsessão de sua vida estava, enfim, em suas mãos” (BRANDÃO, 2015, p. 190).

No dia após o título, foi possível ter uma ideia do impacto da conquista de Gabriel na mídia. Brandão (2015, p. 196) destaca que:

Gabriel virou ídolo internacional, símbolo sexual, ganhou novos e numerosos fãs-clubes. O apresentador Fausto Silva, da TV Globo, colocou um jatinho à sua disposição para regressar ao Brasil e gravar seu programa. O surfista agora era o novo querido da emissora, com aparições recorrentes na grade - do Jornal Nacional ao Esporte Espetacular, do Programa do Jô ao Caldeirão do Huck. (BRANDÃO, 2015, p. 196)

No ano seguinte ao título, Medina teve um baixo desempenho e seus melhores resultados foram os vice-campeonatos de Teahupoo e Pipeline e a primeira colocação na etapa da França. Terminou o ano na terceira posição do

ranking do circuito mundial de surfe. Em 2016, terminou novamente na mesma colocação, conquistando somente a etapa de Fiji. Em 2017, venceu as etapas da França e de Portugal, conquistas que o alavancaram para a segunda colocação do ranking, ficando atrás do havaiano John John Florence, bicampeão do circuito.

Em 2018, Gabriel trilhou um caminho consistente ao longo da temporada. Durante o ano, passou da terceira fase em todas as etapas, exceto na primeira. Estreando no tour com uma queda precoce em Gold Coast, na Austrália, engatou boas colocações nas etapas de Bells Beach, França e Portugal, além de vitórias nas etapas de Teahupoo e do Surf Ranch na reta final do circuito para encaminhar seu segundo título mundial.

Após chegar na última etapa do ano na liderança do ranking, Gabriel precisava confirmar em Pipeline, no Havaí, o seu segundo título. Na disputa pelo título mundial, ainda estavam Filipe Toledo e Julian Wilson que, caso Medina fosse eliminado cedo, poderiam tirar o título do surfista de Maresias. “Filipinho” foi eliminado na terceira fase, dando adeus às chances de título. Mas Julian Wilson fez a sua parte e chegou às semifinais contra o francês Joan Duru.

Enquanto isso, Gabriel travava uma dura disputa com Conner Coffin nas quartas de final. O americano começou pegando duas boas ondas logo de cara. Precisando de notas altas, Gabriel partiu para o ataque e conquistou uma nota 9,43 e um 10 unânime, após dois bons tubos. Nas semifinais, o adversário seria Jordy Smith. Novamente, o adversário começou a bateria melhor, mas o surfista brasileiro contou com mais uma nota alta de 9,10 para garantir sua vitória na bateria - e também o seu segundo título mundial.

Com a pontuação conquistada na bateria contra o sul-africano, Gabriel Medina novamente conquistou seu título mundial antes do final do evento. E mais uma vez, assim como em 2014, teria Julian Wilson pela frente na final em Pipeline. Se na primeira oportunidade o australiano levou o título da etapa, em 2018 Medina coroou sua conquista e, com notas 9,57 e 8,77, derrotou o australiano e se sagrou vencedor da etapa de Pipeline pela primeira vez na sua carreira.

4.4 ANÁLISE DA IMAGEM DO ATLETA NOS DIFERENTES MOMENTOS DA CARREIRA

As narrativas analisadas nesta pesquisa compreendem diferentes momentos da carreira de Gabriel Medina. Abaixo, será possível acompanhar as primeiras matérias sobre o surfista brasileiro na revista Hardcore, quando o atleta ainda era somente uma promessa do esporte e se destacava pela progressividade de seu desempenho na água, assim como a construção do ídolo que veio a se tornar ao longo dos anos, passando por edições deste veículo de mídia especializado que marcaram as duas conquistas a nível mundial de Medina.

Na análise, serão aplicados os conceitos explicados anteriormente por Campbell (1995) e Martínez (2004) fazendo um paralelo com as narrativas desenvolvidas pela revista Hardcore ao longo dos anos. Algumas edições trazem matérias sobre viagens realizadas por Medina em busca de novos lugares para surfar, sem nenhum fim competitivo - modalidade conhecida no meio do surfe como *freestyle*. Outras trazem reportagens sobre a carreira competitiva de Medina e sua evolução dentro dos circuitos da *World Surf League* (WSL), dentro dos dois circuitos da entidade mundial de surfe: o *Qualifying Series* (QS), qualificatório para a principal competição de surfe, e o *Championship Tour* (CT), a elite do surfe mundial. Ao longo das edições selecionadas, será possível acompanhar os dois campeonatos mundiais que deram ao atleta toda a projeção pela qual hoje ele é conhecido.

Figura 1 - Primeira capa de Gabriel Medina na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Em sua primeira edição como capa da revista Hardcore, em fevereiro de 2011, Gabriel Medina aparece em uma imagem dentro da água, executando uma manobra sob a legenda “Gabriel Medina, explosivo em Off The Wall”. A chamada remete ao Havaí, onde está localizada Off The Wall, uma das ondas mais famosas do mundo. Apesar do destaque, o surfista só volta a aparecer novamente em outros dois momentos nesta edição: em um anúncio de um de seus patrocinadores e em uma imagem de duas páginas com a chamada “Gabriel Medina voando tão alto que até sai do enquadramento”.

Figura 2 - Anúncio do patrocinador na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Figura 3 - Imagem dupla na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

A esta altura, Gabriel Medina era uma entre as tantas promessas do surfe brasileiro. Sem um campeão mundial do esporte no país, muitos atletas despontavam com o sonho de ter desempenhos relevantes a nível mundial. Levando em conta este contexto e o conteúdo predominantemente visual da revista Hardcore, é possível entender a falta de um espaço maior ou de uma abordagem textual mais consistente sobre o surfista. Ainda assim, é notável que, com apenas

17 anos, Medina já conquistava um espaço na capa de um dos principais veículos da mídia especializada do país.

Figura 4 - Segunda capa de Gabriel Medina na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Meses depois de sua primeira capa, Medina conquistava sua segunda aparição de destaque na Hardcore em setembro de 2011. A legenda de sua foto já dava uma ideia do que estava por vir: “Gabriel ‘Super’ Medina, aos 17 anos, é o mais novo brasileiro no WT”. Na edição 264, foi reservado um espaço maior ao desempenho do atleta e à sua ascensão rumo à elite do surfe mundial.

Figura 5 - Entrevista na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Em uma entrevista de meia página para a Hardcore, Medina é apontado como uma das grandes promessas do surfe, fato devido “ao seu talento fora-de-série” e por ser “a revelação de Maresias”. As perguntas giram em torno da conquista do acesso do surfista ao WT e sua consequente estreia, além das expectativas que ele tinha em relação à competição. Na entrevista, Medina é tratado como o protagonista, o herói que carrega as esperanças da torcida brasileira. Conforme o proposto por Campbell (1995), esta é a primeira etapa da “Partida”: “O chamado da aventura”. O acesso à elite é o acontecimento que provoca uma mudança na vida de Medina, o herói da narrativa.

Neste mesmo trecho, também é possível encontrar referência à primeira etapa da “Iniciação” apontada por Campbell (1995), “O caminho das provas”, onde o herói terá de enfrentar seus primeiros testes e desafios. No enunciado anterior às perguntas, são descritos os desafios do brasileiro com a classificação ao principal

circuito de surfe do mundo. “No caminho do brazuca estão baterias contra pesos-pesados em cinco etapas do Tour: Trestles, França, Portugal, São Francisco e Hawaii” (GUEIROS, 2011, p. 47). Para Martínez (2004), que em sua obra aborda a jornada do herói aplicada ao jornalismo, esta seria a quinta etapa, onde o herói terá a oportunidade de crescer diante de grandes desafios. Medina, o herói, terá de vencer grandes surfistas e nomes consagrados em algumas das praias mais famosas do mundo, palcos icônicos do esporte.

Figura 6 - Menção em matéria da revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Em uma matéria de seis páginas com prognósticos, questionamentos e sugestões para os próximos anos do campeonato mundial do surfe, a futura estreia de Gabriel Medina aparece em destaque, sendo projetada como uma possibilidade de enfrentamento ao domínio dos surfistas americanos e australianos nas etapas do WT. Ainda não consolidado, o desempenho do atleta é motivo de dúvidas para Julio

Adler (2011), responsável pelo texto: “Seguidos erros em baterias cruciais o impedem de se tornar o mais temido de todos os novos talentos do Tour” (ADLER, 2011, p. 113). Ainda assim, a legenda escolhida para a imagem do atleta na mesma página traz termos positivos - “Medina é o maior expoente da nova geração brasileira - e aposta quase certa ao título mundial”.

Em outro tópico da mesma matéria, também é possível notar a presença de outra etapa da “Partida” descrita por Campbell (1995): “O auxílio sobrenatural”. A figura protetora, geralmente representada por anciãos e que dá conselhos ao herói durante sua jornada pode ser representada pelo surfista Adriano de Souza, o “Mineirinho”. Sete anos mais velho que Medina e então com 24 anos, ele é apontado no texto como “o primeiro candidato real ao título mundial” (ADLER, 2011, p. 112) entre os brasileiros.

Figura 7 - Terceira capa de Gabriel Medina na Revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Em sua terceira aparição na capa da revista Hardcore, Gabriel Medina é definido como “O iluminado” e “A nova esperança do surf mundial”. Na edição 267 do periódico, de dezembro de 2011, o surfista brasileiro conquista mais espaço devido à sua vitória em uma etapa do WT. Além da capa, Medina conta com uma matéria exclusiva de quatro páginas que aborda sua conquista nas ondas de São Francisco, Estados Unidos. O editorial deste volume também é dedicado ao surfista brasileiro.

Figura 8 - Editorial da edição 267 da Revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

No editorial, Steve Allain (2011) escreve com empolgação sobre o final de ano promissor de Gabriel Medina e a repercussão da sua vitória na etapa de São Francisco. Gabriel é descrito como um surfista com início de carreira **“avassalador”**, com um **“talento imensurável”** e ganha comparações com o maior campeão da história do surfe, o americano Kelly Slater. Medina é chamado de **“o garoto dourado”** e são feitas projeções de quando acontecerá seu primeiro título mundial. Dentro da jornada do herói proposta por Campbell (1995), esta etapa poderia ser descrita como a quarta característica da **“Partida”**, **“O guardião do limiar”**. Joel Parkinson, experiente surfista australiano vencido por Medina na bateria final da etapa de São Francisco e então favorito, é o detentor do portal pelo qual o surfista brasileiro precisa passar para seguir sua jornada rumo ao sonhado título mundial. Já entre as etapas propostas por Martinez (2004), a etapa equivalente seria a quarta, **“Travessia do primeiro limiar”**, onde Gabriel Medina agora entra no rol dos competidores ao título mundial e sai do seu mundo conhecido, de uma

promessa, para o desconhecido, um competidor real ao principal prêmio.

Figura 9 - Valha-me São Chico primeira parte



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Figura 10 - Valha-me São Chico segunda parte



Fonte: Reprodução revista Hardcore

A matéria de Julio Adler (2011) descreve a vitória de Gabriel Medina em São Francisco em detalhes, apontando que “o impacto de Medina no surf profissional é assustador”. Novamente, são feitas comparações com o grande campeão da modalidade, o americano Kelly Slater, e é destacado o fato de que o surfista brasileiro, aos 17 anos, precisou chegar a menos finais que o americano, então com a mesma idade, em 1992, para ganhar seu primeiro troféu de uma etapa. O texto remete a um campeonato anterior do WT, da França, em que “Slater foi demolido por Medina”. O uso destes termos e a disposição dos personagens nesta narrativa nos remete ao quarto item da “Iniciação” da jornada do herói de Campbell (1995), “A sintonia com o pai”. Kelly Slater, o surfista mais famoso da época e símbolo do esporte, pode ser considerado o tutor de Medina, o exemplo que deve ser seguido. A vitória de Gabriel e o confronto com Kelly nas etapas anteriores, entretanto, fazem com que o brasileiro assuma seu próprio caminho, enxergando sua jornada com uma nova visão, própria.

Figura 11 - Sexta capa de Gabriel Medina na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Em agosto de 2014, Medina fazia sua sexta aparição na capa da revista Hardcore. Então líder do ranking mundial de surfe e sério candidato ao cargo de campeão mundial, com apenas 20 anos, o surfista brasileiro recebeu os repórteres

da Hardcore em sua casa para que eles acompanhassem sua rotina de treinos em meio ao período. Conforme destacado pelo editor da revista Hardcore, Adriano Vasconcellos, na visita realizada pelo pesquisador à sede da revista em São Paulo, 2014 foi um ano em que o veículo decidiu apostar alto em Medina, lhe concedendo tamanha exposição em suas páginas que acabou por lhe render nada mais nada menos do que cinco capas no período de um ano. Na edição número 298, a chamada já dá uma ideia do lugar conquistado pelo atleta de Maresias em meio ao cenário do esporte: “O treinamento de Gabriel Medina - A preparação do número 1 do ranking em busca do título mundial”.

Figura 12 - O treinamento de Gabriel Medina



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Na principal matéria da edição 298 da revista Hardcore, Adriano Vasconcellos (2014) aborda a situação de Medina em meio às competições da

época e sua rotina de treinos em casa. Após fazer um breve apanhado do histórico de feitos alcançados pelo jovem surfista ao longo da sua carreira, são destacadas as vitórias de Medina em 2014 nas etapas de Snapper Rocks, na Austrália, e de Fiji, além dos bons desempenhos em outros campeonatos, como Margaret River e Bells, na Austrália, e Jeffreys Bay, na África do Sul. Para se referir ao surfista, são usados termos como “o favorito para ser o campeão mundial” e “o top”, além dele ser descrito como “mais letal do que nunca” em uma referência ao seu desempenho dentro da água. Relacionando a narrativa à jornada do herói de Campbell (1995) este seria o quinto momento da “Iniciação”: “A apoteose”. Após passar por diversas situações, os campeonatos que participou e os adversários que venceu, é chegado o momento do herói mudar seu nível de consciência: Medina agora está próximo de se tornar o principal surfista do mundo.

Figura 13 - Nona capa de Gabriel Medina na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

A capa dos meses de Janeiro e Fevereiro de 2015 traz a consagração de Gabriel Medina como primeiro brasileiro campeão mundial de surfe. Na capa, é possível ver termos como “ídolo” e “campeão” para se referir ao atleta. A edição 303, classificada como uma edição histórica pelo próprio veículo, é inteiramente dedicada à trajetória de Gabriel Medina, com matérias que fazem apanhados sobre sua carreira, sua trajetória ao longo de 2014, entrevistas com seu patrocinador e uma matéria sobre a grande final que consagrou o surfista brasileiro como campeão mundial.

Figura 14 - Pipe Masters



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Em uma matéria de vinte páginas, a revista Hardcore traz diversos momentos marcantes do campeonato final do WT de 2014, o Pipe Masters, realizado no Havá. No breve resumo da reportagem escrito por Julio Adler (2014), a competição é descrita como “as oito horas de surfe mais empolgantes jamais vistas”.

Figura 15 - Pipe Masters - parte 1



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Com uma trajetória consistente ao longo do ano, Medina chegou à última etapa como favorito, mas ainda poderia perder o título para o australiano Mick Fanning ou para o americano Kelly Slater caso vacilasse nos resultados. Na primeira parte da reportagem, são abordados os desafios de organização do campeonato mediante a falta de ondulações consistentes e, conseqüentemente, de boas condições para a prática de surfe. O confronto de Medina com seus oponentes ao título é contemplado para dar noção da atmosfera de expectativa que pairava entre os presentes: “Havia mais matemática envolvida. Gabriel Medina seria campeão mundial se chegasse até a final, isso era claro. Slater tinha alguma chance, vocês sabem, mínima. Fanning fungava no cangote” (ADLER, 2014, p. 100). Em relação à jornada do herói, de acordo com o destacado por Campbell (1995), esta seria a sexta e última fase da “Iniciação”, “A benção última”. Medina precisa vencer seus oponentes para conquistar seu título, assim como o herói

precisa vencer seu último desafio, onde ele deve ultrapassar a significação de ícones para voltar como um herói de fato.

Figura 16 - Pipe Masters parte 2



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Com a competição já acontecendo, Medina não pode perder nenhuma bateria. Para depender unicamente de si, é necessário vencer todos seus confrontos. Na terceira fase, ao enfrentar o havaiano Dusty Payne, Medina é descrito como confiante: “A ameaça da derrota tem rondado o rapaz o tempo todo, desde a primeira etapa. Medina dá de ombros e segue em frente” (ADLER, 2014, p. 102). A última fase da “Iniciação” proposta por Campbell segue acontecendo, já que Medina vai vencendo seus obstáculos um a um, consolidando seu papel de herói. De acordo com o proposto por Martinez (2004), este trecho da jornada de Gabriel Medina poderia ser comparado com a sexta etapa, da “Caverna Profunda”, onde o protagonista da história está a um momento do confronto mais sério que terá.

Figura 17 - Pipe Masters parte 3



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Em mais um desafio em sua jornada, Medina enfrenta o brasileiro Filipe Toledo e o australiano Josh Kerr na quarta fase do Pipe Masters. Para seguir em frente, o surfista de Maresias usa todo seu potencial. “Faltando menos de dois minutos, mais uma vez Medina encara sua suposta fraqueza, desta vez um tubo ainda mais difícil pro Backdoor - 8.84” (ADLER, 2014, p. 104). Backdoor é a onda para o lado direito de Pipeline, onde Medina surfa de *backside* - de costas para a onda - e onde supostamente teria mais dificuldade. Ao pontuar com uma nota 8,84, afasta a chance de ser eliminado por Filipe Toledo que, até o momento, liderava a bateria. Por sua performance, Gabriel é definido como “abusado”.

Figura 18 - Pipe Masters parte 4



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Apesar de Medina não ser o protagonista deste trecho da matéria, é nele que se decide seu título mundial. O surfista brasileiro Alejo Muniz, que chegava ao campeonato como um dos azarões e precisando ser campeão para permanecer no WT no ano seguinte, acabou por ser de grande ajuda na consagração do título de Medina. Com um surfe impecável até as quartas de final, foi o responsável pelas eliminações do americano Kelly Slater e o do australiano Mick Fanning, os adversários de Medina na briga pelo título. O confronto de Muniz e Fanning é saudado no texto: “Mick Fanning, o último obstáculo entre Medina e a nossa Copa do Mundo do surfe. Vejam só a sorte anda do lado dos campeões. Contra Alejo, Fanning foi incapaz de fazer uma nota superior a 2” (ADLER, 2014, p. 106). Neste momento da narrativa, a jornada de Medina chega ao momento proposto por Martinez (2004) e definido como a “Recompensa”. O objetivo do herói é alcançado, no caso de Medina, o título mundial.

Figura 19 - Pipe Masters parte 5



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Com seus adversários fora da briga, Medina agora é o primeiro brasileiro campeão mundial de surfe. Ao saber que tinha conquistado o título, imediatamente saiu da água para comemorar com o público e, por isso, é definido como “abusado”. O momento da comemoração se assemelha ao proposto por Campbell (1995) no quinto item do “Retorno”, “A passagem pelo limiar do retorno”. Após conseguir o que buscava, o herói volta ao seu mundo, agora com a experiência e as vivências de quem visitou o lado místico. No caso de Medina, ele agora carrega o conhecimento de um campeão. Para Martinez (2004), a comemoração pode ser descrita como a etapa da “Recompensa”: Medina, o herói, segue como um grande atleta e agora é um campeão, o que lhe dá conhecimento em dois planos.

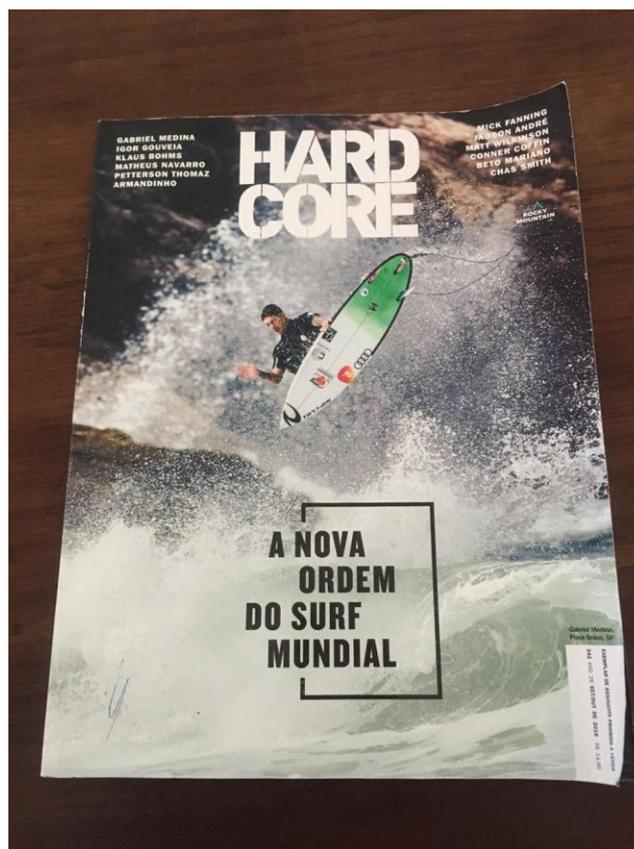
Figura 20 - Pipe Masters parte 6



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Apesar de não ganhar a etapa de Pipeline, perdendo para o australiano Julian Wilson na final, Medina não teria motivos para lamentar. Ao sair da água foi prontamente ovacionado pelo público em êxtase. “Um dia inesquecível para o surfe brasileiro e o início de uma nova era para o surfe profissional” (ADLER, 2014, p. 107). Seguindo a jornada do herói elaborada por Campbell (1945), a jornada de Gabriel chega a quinta etapa do “Retorno”, “Senhor de dois mundos”. Medina agora detém o conhecimento de um campeão mundial.

Figura 21 - 12ª capa de Gabriel Medina na revista Hardcore



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Quatro anos após seu primeiro campeonato mundial, Gabriel Medina mais uma vez era um dos favoritos para o título. O cenário de 2018, porém, se apresentava totalmente diferente do de 2014. Afinal, se antes Gabriel era somente uma aposta, agora ele entrava na briga como um campeão mundial, um nome consagrado do esporte. E o título da capa da edição 342 da revista Hardcore, com o atleta surfando uma onda da Praia Brava, São Paulo, Brasil, dá uma ideia de como o primeiro título do brasileiro trouxe mudanças para o cenário do esporte: “A nova ordem do surf mundial”.

Figura 22 - A nova ordem



Fonte: Reprodução revista Hardcore

Apesar da chamada impactante na capa, Medina aparece somente em dois momentos na edição 342. E o conteúdo da matéria da capa evidencia como o nome do atleta se tornou relevante para o surfe como um todo, tanto em nível nacional quanto mundial. Adriano Vasconcellos (2018) aborda o momento atual dos representantes do Brasil no WT:

Que temporada vive o surf brasileiro - a melhor desde que o Tour é o Tour! Uma sequência de seis vitórias comprova a nova ordem mundial: somos o maior país do surf. Ítalo Ferreira, campeão de Bells e Bali; Filipe Toledo, o melhor no Rio e em J-Bay; Willian Cardoso, atrás do título de Rookie of the Year, reinou em Uluwatu; e, às vésperas do fechamento desta edição, o campeão mundial Gabriel Medina coroava sua consistência com o bicampeonato em Teahupo'o. Seja em mares clássicos ou em condições "força barra", os atletas brasileiros são evidentemente os mais bem preparados e completos entre os tops atuais (VASCONCELLOS, 2018, p. 10).

A sequência destacada no texto se refere às vitórias seguidas dos concorrentes brasileiros em etapas do WT (até o final do campeonato, onze seriam

disputadas). A predominância brasileira no circuito mundial até então demonstra como a primeira conquista de Gabriel Medina, quatro anos antes, elevou a competitividade do esporte entre os atletas do Brasil. O termo “campeão mundial”, usado para se referir ao surfista de Maresias, mostra como o nome de Medina se tornou relevante. Quanto à jornada do herói de Campbell (1945), é possível definir esta fase da carreira de Medinal como a de “Liberdade para viver”, a última do “Retorno”. Após alcançar seu objetivo maior, o primeiro título mundial, e de deter o conhecimento de quem ultrapassou o limiar entre dois mundos, o herói agora está livre para desfrutar o seu novo potencial e viver novas aventuras - no caso, um novo título mundial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objeto seis edições da revista Hardcore, entre fevereiro de 2011 e outubro de 2018, período em que Gabriel Medina deixou de ser uma promessa do esporte para se tornar um campeão mundial rumo ao segundo título de grande expressão. Neste recorte de tempo, o surfista brasileiro conquistou um aumento relevante na cobertura dispensada a ele dentro das páginas da revista Hardcore. Além disso, com as matérias do veículo de mídia especializado, foi construída a imagem de herói do esporte em torno do nome do atleta.

No segundo capítulo, através de uma pesquisa bibliográfica, foi possível desenvolver diversos conceitos que forneceram auxílio para a análise. Entre os quais, podemos citar identidade, imagem, reputação, opinião pública, o “herói” na mídia e a sociedade do espetáculo.

Definidos os conceitos de identidade, imagem e reputação, foi possível compreender como a relação entre os três fatores pode exercer influência sobre a visão que o público pode ter de uma entidade, organização ou pessoa. Esta visão do público e a opinião formada por este contingente, com base no que ele recebe da mídia, foram explicados logo após.

Em seguida, foram abordados a construção de heróis esportivos pela mídia em geral e o conceito da jornada do herói de Campbell (1995), que seriam a tônica da análise da presente pesquisa e demonstrariam como foi conduzida a construção da imagem de herói em torno de Gabriel Medina ao longo da narrativa presente nas matérias das edições da revista Hardcore. Por fim, entender a sociedade do espetáculo e como ela influencia os eventos esportivos foi essencial para compreender como a imprensa e a sociedade contribuem para elevar um atleta ao patamar de herói.

No terceiro capítulo, abordou-se o jornalismo esportivo. Após um contexto histórico sobre esta categoria no Brasil, foi necessário contemplar as características que fazem parte desta vertente - tornando possível entender os componentes que envolvem as narrativas nesta área. No próximo subcapítulo, foi feito o resgate histórico sobre a cobertura de surfe no país, mostrando os primeiros traços da relevância do assunto no país e fazendo um paralelo com o cenário atual da

cobertura nacional do esporte. Em seguida, a abordagem do jornalismo de revista trouxe à tona os aspectos do veículo de mídia utilizado como objeto do estudo e como acontece toda a elaboração de seus materiais.

A escolha da revista Hardcore como objeto de análise se deu pela relevância deste veículo em relação à cobertura de surfe no Brasil - atualmente, o único impresso do país. Foi possível perceber um aumento considerável do espaço concedido ao atleta nas páginas da Hardcore conforme os bons resultados em competições surgiam, assim como a evolução dos termos usados para se definir ao surfista contribuíram para a construção da sua imagem de herói perante o público.

Na primeira edição analisada, em fevereiro de 2011, além da capa, o atleta apareceu somente em duas imagens: uma de um anúncio de um patrocinador e outra com uma breve legenda acompanhando. Na edição 264, a segunda analisada, o atleta ganhou o destaque de uma página inteira devido ao seu acesso no principal circuito de surfe mundial, com uma entrevista, e foi definido por termos como “talento fora-de-série” e “revelação”. Outro espaço reservado ao atleta nesta edição foi em meio a uma reportagem sobre o futuro do surfe, onde foi citado como “maior expoente da geração brasileira - e aposta quase certa ao título mundial”. Com a análise dos textos das matérias desta edição, foi possível traçar um paralelo com o conceito da jornada do herói de Campbell (1945), sendo identificadas características da etapa inicial, “A partida”, e que começaram a tornar Medina um herói nacional.

A terceira capa do surfista na revista Hardcore, em dezembro de 2011, coincide com o maior espaço dado ao atleta nas páginas do veículo de mídia especializada até então. Tal fator é atribuído a uma grande conquista de Medina, o troféu da etapa de São Francisco, Estados Unidos, do circuito mundial de surfe. Então com 17 anos, ganhou as páginas do editorial da edição 267 e uma reportagem com quatro páginas destinadas exclusivamente ao seu desempenho. Nos textos, são usados termos como “talento imensurável” e “garoto dourado”, além de comparações com nomes consagrados do surfe mundial - o que demonstra a evolução do tratamento dado ao atleta em relação às narrativas anteriores. O embate com atletas famosos, a conquista do troféu e a autonomia reivindicada com seu desempenho, diante da perspectiva da jornada do herói de Campbell (1995),

tornaram possíveis a conclusão da etapa da “Partida” proposta pelo autor e o começo da “Iniciação”.

Na quarta edição analisada, a edição 298 da Hardcore de agosto de 2014, Medina já havia deixado ser uma promessa para ser um candidato real ao título mundial. Prova disso são os termos utilizados para se referir ao surfista neste exemplar, referido como “o número 1 do ranking mundial” e “o top”, e o espaço reservado a ele nas páginas desta edição: uma reportagem de oito páginas sobre seu treinamento para as competições, além da sexta capa estampada na história da Hardcore. O fato de se aproximar do seu objetivo principal, o título mundial, fez com que se identificasse mais uma etapa da “Iniciação” da jornada do herói de Campbell (1995) na narrativa, onde Medina estava perto de se tornar o herói de fato - papel construído com a ajuda da revista Hardcore ao longo dos anos.

A edição 303 da Hardcore foi a que marcou a consagração de Medina como um herói nacional. O exemplar do início de 2015 é exclusivamente dedicado ao primeiro campeonato mundial de um surfista brasileiro. Abordando sua trajetória ao longo do ano e da sua carreira em suas páginas, a revista usou termos como “abusado”, “ídolo” e “campeão” para falar de Medina. No recorte definido, uma matéria de vinte páginas sobre a competição final que deu a pontuação necessária para Gabriel tornar-se o melhor surfista do mundo, apareceram as últimas características da segunda fase da jornada do herói de Campbell (1995), “A Iniciação”, onde o surfista brasileiro teve de enfrentar os últimos obstáculos para alcançar seu objetivo, assim como o herói de Campbell deveria vencer seus últimos desafios. Nesta reportagem também aparecem traços do “Retorno” da jornada do herói, no momento que Medina conquistava o título mundial e se tornava, de fato, um herói nacional do esporte - fato reafirmado pela Hardcore ao marcar a conquista do atleta como “uma nova era do surfe profissional”.

No último exemplar analisado, a Hardcore de setembro/outubro de 2018, Medina apareceu em sua 12ª capa da revista. Quatro anos depois do seu primeiro campeonato mundial, porém, o cenário agora trazia Gabriel como um dos maiores nomes dos esporte. O texto da matéria da edição 342 mostra que, a partir da conquista de Gabriel Medina, o surfe evoluiu muito no país e então contava com diversos representantes brasileiros que conquistavam bons resultados na elite do

esporte. Em determinado trecho, o Brasil foi definido como “o maior país do surf” e Gabriel foi colocado como um dos grandes responsáveis por uma “nova ordem” do surfe mundial. No recorte definido desta edição, chega ao fim a jornada do herói de Gabriel. Como ele passou a deter o conhecimento de quem já transcendeu uma vez o limiar da conquista do seu objetivo, ele estaria livre para viver novas aventuras, buscando seu segundo título mundial título. Segundo o proposto por Campbell (1995), tal característica da narrativa configuraria a última fase do “Retorno”, onde o herói chega a “Liberdade para viver”.

Com base na análise realizada, foi possível perceber que os termos usados para se referir ao surfista foram sempre positivos. Ao longo das edições, porém, eles variaram de sentido. No início de sua carreira, termos que o apontavam como uma promessa e indicavam expectativa do público eram mais comuns. Com a proximidade do título e após a conquista, Medina se tornou um dos grandes nomes do esporte a nível mundial. O espaço reservado também cresceu ao longo do período, indo de duas páginas na primeira edição em que foi capa até uma edição inteira exclusiva sobre seu primeiro campeonato mundial. Utilizando o conceito da jornada do herói de Campbell (1945), podemos perceber que a narrativa desenvolvida em torno de Medina ao longo das edições analisadas foi essencial para a construção da imagem de herói brasileiro do surfe que hoje ele detém. Deste modo, é possível concluir que a revista Hardcore contribuiu para tornar Gabriel Medina o grande nome do esporte que hoje ele é, aumentando a divulgação do surfe no Brasil e que a narrativa desenvolvida em sua páginas foi crucial para a construção da sua imagem de herói.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Julio. O estado das coisas. Revista Hardcore, São Paulo, v.264, p. 106-113
- ADLER, Julio. Valha-me São Chico. Revista Hardcore, São Paulo, v.267, p. 106-111
- ADLER, Julio. Pipe Masters. Revista Hardcore, São Paulo, v. 303, p. 78-97
- ALLAIN, Steven. Editorial. Revista Hardcore, São Paulo, v.267, p. 16-17
- ARGENTI, Paul A.. **Comunicação Empresarial: a construção da identidade, imagem e reputação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- BACH, Maurizio. Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber. **Sociologia & Antropologia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 51-70, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO).
- BARBANTI, Valdir. **Dicionário de educação física e esporte**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2011.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRANDÃO, Tulio. **Gabriel Medina: A trajetória do primeiro campeão mundial de surfe do Brasil**. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2015.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação Empresarial: políticas e estratégias**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia**. Cultrix: São Paulo, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- CARRASCO DE SLATER, Medina vence mais uma etapa do Mundial. **GloboEsporte**, Brasil, nov. 2011 Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/radica/surfe/noticia/2011/11/carrasco-de-slater-gabriel-medina-vence-mais-uma-etapa-do-mundial.html>> Acesso em 05/03/2020
- CARDOSO, Marcelo. Jornalismo Especializado Em Esportes: Uma Discussão Sobre A Formação Contínua Do Profissional. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 1, n. 17, p. 39-54, jan./jun. 2018.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- COSTA, Guilherme. As medalhas mais prováveis do Brasil conquistar em Tóquio 2020. **GloboEsporte**, São Paulo, 07 nov. 2019 - Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/blogs/brasil-em->

toquio/post/2019/11/07/as-cinco-medalhas-mais-provaveis-do-brasil-conquistar-em-toquio-2020.ghhtml>

DA VIÁ, Sarah Chucid da. **Opinião Pública: Técnica de Formação e Problemas de Controle**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

FARIAS, Luiz Alberto de. **Opiniões Voláteis: Opinião pública e construção de sentido**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

FORNI, João José. **Gestão de Crises e Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

FIGUEIREDO, Rubens; CERVellini, Silvia. **Contribuições para o Conceito de Opinião Pública**. Opinião Pública, Campinas, v. 3, n. 3, p. 171-185, dez. 1995.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. in: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia: Esporte, Juventude e Cultura**. Rio de Janeiro: Apicuri Editora, 2011.

FURTADO, Glafira. Opinião Pública: Retrospectiva Histórica do seu Significado. In: DORNELLES, Souvenir Maria Graczyk (org.). **Relações Públicas: Construindo Relacionamentos Estratégicos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: Mitos, ídolos e heróis**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <[https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/175629_Giglio%20\(M\)%20-%20Futebol_mitos,%20ídeos%20e%20herois.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/175629_Giglio%20(M)%20-%20Futebol_mitos,%20ídeos%20e%20herois.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GONDIM, Alexandre. Fim da Revista Fluir. **Jornal do Commercio**. Recife, 27 mai. 2016. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/blogdosurfe/2016/05/27/1238/>>

GUEIROS, Fernando. O mais novo top brasileiro. Revista Hardcore, São Paulo, v.264, p. 47

HELAL, Ronaldo. **Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói**. Motus Corporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio d, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HELAL, Ronaldo. **Mídia, ídolos e heróis do futebol**. In: Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, (edts.) Sérgio Carvalho e Marli Hatje, Santa Maria, RS: UFSM, 1999 – V.2, ANO2.

HELAL, Ronaldo; MURAD, Mauricio. **Alegria do Povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol**. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n.1, p. 63-79, 1995.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2009.

LUDUVIG, Monica Martinez. **Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias vida em Jornalismo** (2002).. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/jornada_heroi.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do Herói: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo**. 2004

MORGAN, Melissa Johnson; SUMMERS, Jane. **Marketing esportivo**. São Paulo: Thomson, 2008.

MUSSA, Felipe de Sá. **Construção do ídolo esportivo na mídia**. 2010. 41 f. TCC (Graduação em Jornalismo) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2639/3/FSMussa.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

NETO, João Sorima. Surfe movimentou R\$ 7 bi ao ano em roupas, pranchas e acessórios. Rio de Janeiro, **O Globo**, 27 nov. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/surfe-movimentou-7-bi-ao-ano-em-roupas-pranchas-acessorios-20547660>> Acessado em 08/02/2020

NEVES, Roberto de Castro. **Imagem Empresarial: como as organizações [e as pessoas] podem proteger e tirar partido do seu maior patrimônio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. **Comunicação e opinião pública**. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. São Paulo: Atlas, 2007.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da Notícia: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em:

<<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2057/1/000446793-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2019

PADEIRO, C.H.. **O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro**. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-17112015-092450/pt-br.php>>. Acesso em: 15 mar. 2020

REZENDE, Maite. **A História Do Surfe E O Perfil Dos Surfistas Do Litoral Norte Paulista**. 2004. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em : <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000325773&opt=1>> Acesado em 30 ago. 2019

RIBEIRO, Igor. Fluir encerra atividades após 32 anos. **Meio&Mensagem**. São Paulo, 2 de jun. 2016 - Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/06/02/fluir-encerra-atividades-apos-32-anos.html>> Acessado em 05 mar. 2020

ROCCO JÚNIOR, Ary José; SANTOS, Bianca Manoel. Onde está o Esporte?: Espetáculo, Entretenimento e Política na Cobertura dos Jogos Rio 2016 das Principais Revistas Semanais do Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** . São Paulo: Intercom, 2017. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1950-1.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

RODRIGUES, João Gabriel. Gabriel Medina supera Neco Padaratz e é campeão do WQS da Praia Mole. **GloboEsporte**, São Paulo, 12 de jul. 2009 - Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Surfe/0,,MUL1227069-15051,00-GABRIEL+MEDINA+SUPERA+NECO+PADARATZ+E+E+CAMPEAO+DO+WQS+D+A+PRAIA+MOLE.html>> Acessado em 30 ago. 2019

ROSA, Mario. **A Reputação na Velocidade do Pensamento**. São Paulo: Geração,2006.

SILVEIRINHA, Maria João. Opinião Pública. IN: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Comunicação e Política - Conceitos e abordagens**, Salvador: Editora da UFBA, 2004. Disponível em : <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/134/4/Comunicao-Politica_RI.pdf> Acessado em 30 de ago. de 2019

SCALZO, Marília., **Jornalismo de Revista**. São Paulo, Contexto, 2011.

SOUSA, Janaína. 'Ninguém lê mais nada', diz autor e 'A Primeira Palavra'. **Origem Surf**, 10 ago. 2019 - Disponível em: <<http://origemsurf.folha.uol.com.br/2019/08/10/entrevista-jair-bortoleto-a-primeira-palavra/>> Acessado em 30 ago. 2019

STEINMAN, Joel. **Surfing and Health**. Maidenhead: Meyer & Meyer Sport, 2009.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

WOLF, Mauro (1995). **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença.

VASCONCELLOS, Adriano. O treinamento de Gabriel Medina. **Revista Hardcore**, São Paulo, v. 298, p. 48-55

VASCONCELLOS, Adriano. A nova ordem. **Revista Hardcore**, São Paulo, v. 342, . p.10-11

VOGLER, Cristopher. **A Jornada do Escritor – Estruturas Míticas para Contadores de Histórias e Roteiristas**. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997